

# ILUSTRAÇÃO

N.º 302 — 13.º ano



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECCÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentfcios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-  
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-  
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

*Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00*

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

**PAULINO FERREIRA**

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo

**Orçamentos Grátis**

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA**

Telefone 2 2074

**GRAVADORES  
IMPRESSORES**

**Bertrand, Irmãos, L.ª**

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27  
**LISBOA**

**GOTOSOS E REUMATICOS**

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

**ESPECIFICO BÉJEAN**



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA**  
**OS REUMATISMOS**  
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica  
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias  
**Produits BÉJEAN - Paris**

**NOVIDADE LITERÁRIA**

**A RETIRADA DOS DEZ MIL**

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefacio de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 352 págs., broch. .... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

**Estoril-Termas**

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL**  
**ABERTO TODO O ANO**

Banhos de água mineral e de  
água do mar quentes. Banhos  
**CARBO-GAZOSOS**. Duches.  
Irrigações. Pulverizações e Ina-  
lações. etc. = = = = =

**ONDAS CURTAS**. DIATER-  
MIA. Raios Ultra violetas e In-  
fra-vermelhos. Electricidade mé-  
dica. **MECANOTERÁPIA** e  
Maçagens = = = = =

**MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS**  
**CULTURA FISICA**  
**AQUECIMENTO CENTRAL**

Consulta médica das 9 às 12 - Telef. E. 402 (P. B. X.)

Acaba de sair a **6.ª edição, corrigida**

**EDIFICAÇÕES**

Pelo Eng.º **JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO**

Sumário: O projecto de uma casa - Distribuição interna das habitações - Ordens architectónicas - Arcadas, pórticos, frontões, etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. Esc. **17\$00**  
Pelo correio, à cobrança ..... Esc. **19\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
75, Rua Garrett, 75 - LISBOA



*As imitações..*

.. valem menos do que costumam  
a Cafiaspirina custa menos do que vale.

**Cafiaspirina**  
O PRODUTO DE CONFIANÇA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

AOS SRS. ADVOGADOS

**Propriedade Literária, Científica e Artística**

Decretos n.ºs 13.725 e 5.693—Convenção de Berna—  
Adesão à Convenção de Roma—Legislação interna e duração do direito de propriedade literária nos diferentes países

Compilação e revisão do **DR. CARVALHO MAIA**  
Conservador do Registo de Propriedade Literária

1 vol. de 94 págs., broch. .... **7\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **8\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

**A VENDA**

A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO, CORRIGIDA

**MUDANÇA DE ARES**

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado ..... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**A VENDA**

**AGOSTINHO DE CAMPOS**

Da Academia das Ciências de Lisboa

**GLOSSÁRIO**

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**À VENDA**

A 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO CORRIGIDA DA

**TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA**

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel **GUEDES VAZ**

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel **MOUSINHO DE ALBUQUERQUE**

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. .... **22\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

**À VENDA:**

NOVIDADE LITERÁRIA

**ANASTÁCIO DA CUNHA,**  
o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado ..... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

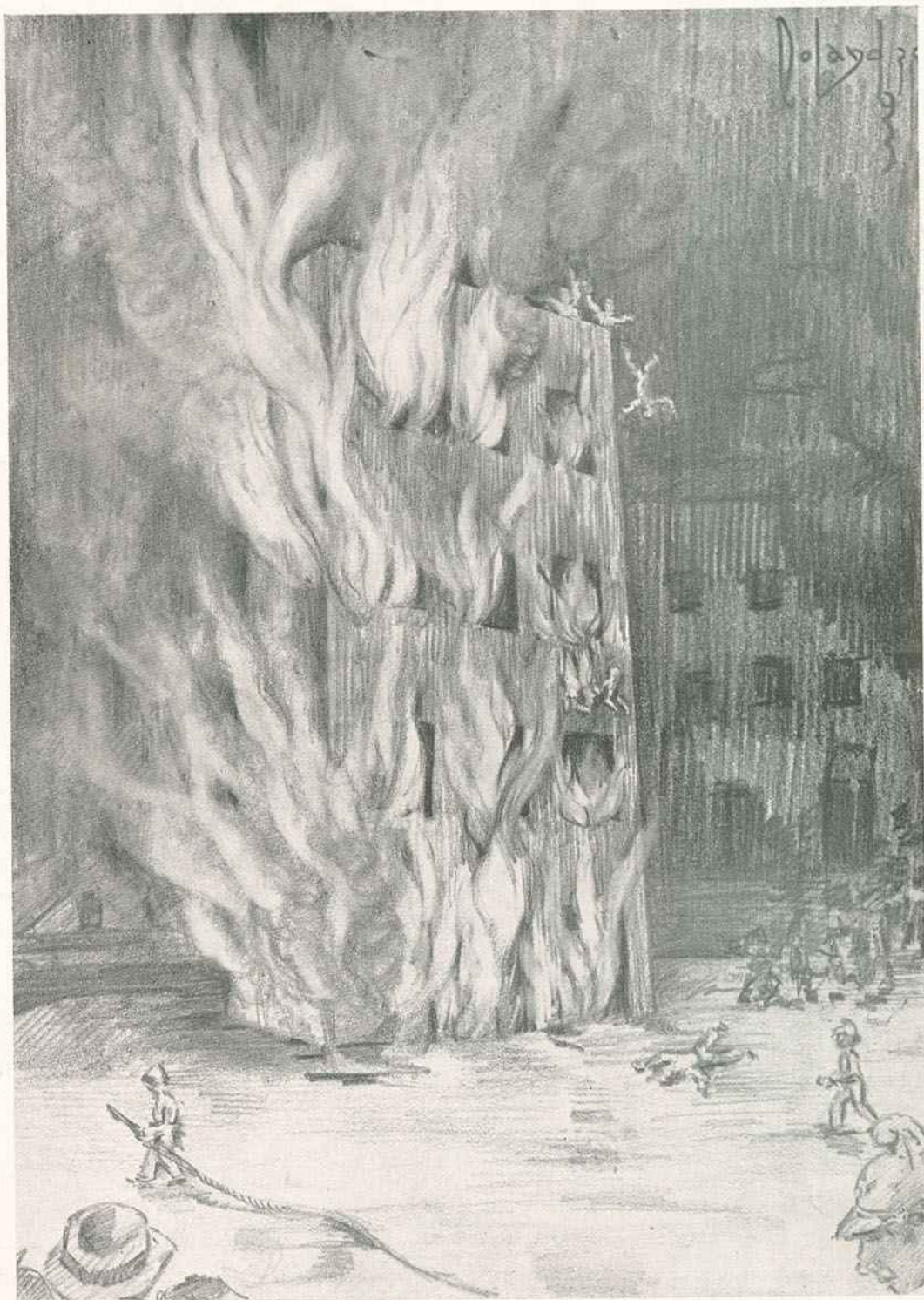
N.º 302 - 18.º ANO  
16 - JULHO - 1935

# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*  
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

## A HORROROSA CATÁSTROFE DE COIMBRA



*Uma emocionante e fiel reconstituição da tragédia da Praça da República, feita pelo ilustre artista coimbricense Rolando Matos*

# ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um grupo de alunas do Colégio Parisiense que apresentaram trabalhos na exposição dos trabalhos do curso durante o ano. — *À direita*: A assistência ao banquete da missão comercial portuguesa a Cuba na legação desta nação. Este jantar de honra, que foi oferecido pelo sr. encarregado dos negócios da República Cubana, e sua esposa, senhora de Arce, decorreu com o maior brilhantismo.



Os antigos alunos da Escola Politécnica reuniram-se numa interessante festa evocativa da sua vida académica, na Casa das Beiras. Foi uma reunião encantadora pelo cunho de evocação dos tempos alegres da mocidade que nunca mais voltarão. A gravura acima mostra a antiga tuna e os antigos alunos com os seus instrumentos e as suas saúdes.



Um dos cavalos mais bem apresentados no concurso de condutores de carroças, organizado pela Liga Nacional de Defesa dos Animais. Teve este certame por fim premiar os que apresentassem cavalos e muas em melhores condições de tratamento. — *À direita*: O sr. major Mousinho da Silveira com algumas das pessoas que o aguardavam na estação do Rossio, à sua chegada do Concurso Hípico Internacional de Londres.

# A ÉPOCA DOS EXAMES



Nesta quadra do ano começam as grandes aflições dos alunos. Exames à porta! Os alunos do Liceu Passos Manuel preparam-se para a terrível prova



Sete alunos que trocam as suas impressões e os seus palpites, lembrando-se tardiamente das horas que perderam tão levemente durante o ano



As alunas de instrução primária entram em confidências, revelando as suas esperanças e as suas incertezas. Em baixo: No Liceu do Carmo



Na Faculdade de Ciências também se sofre, como se vê. O que irá passar-se, cientificamente falando?



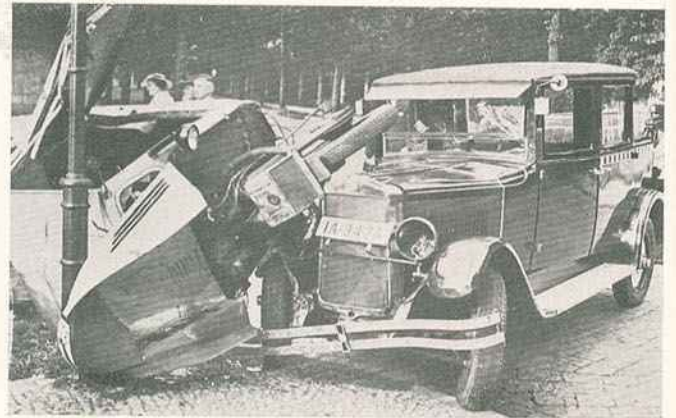
No Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho parece haver alegria, mais é só para iludir o fotógrafo. Naqueles corações só Deus sabe o que vai! Mas assim começa a luta pela vida! Acalentam-se esperanças, sofrem-se contrariedades, pungem-se desilusões... Daqui a alguns anos, essas jovens transformadas em senhoras, não de sorrir dos seus sustos dos saudosos tempos do Colégio... E a vida continuará...



# ACTIVIDADES GERMÂNICAS



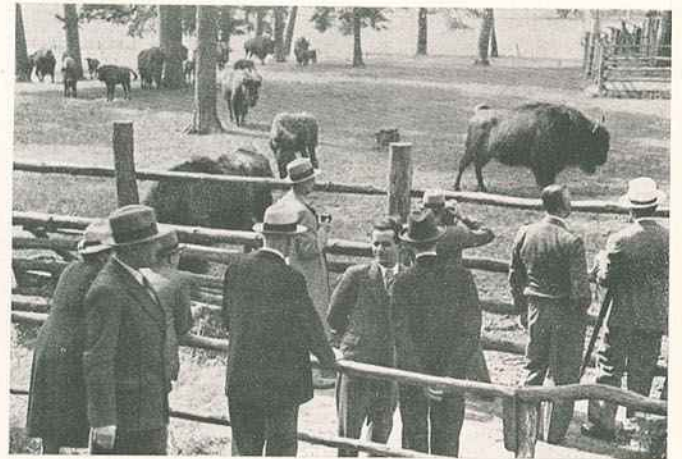
Na Alemanha está sendo intensificada uma grande campanha a favor da melhoria de disciplina do trânsito. A gravura acima mostra uma imagem da desordem que tem por base — o peão distraído



A gravura acima mostra os efeitos dum choque entre um taxi e um camião, sendo este desastre provocado também pela distração de um dos seus condutores. Estes factos são focados como exemplo



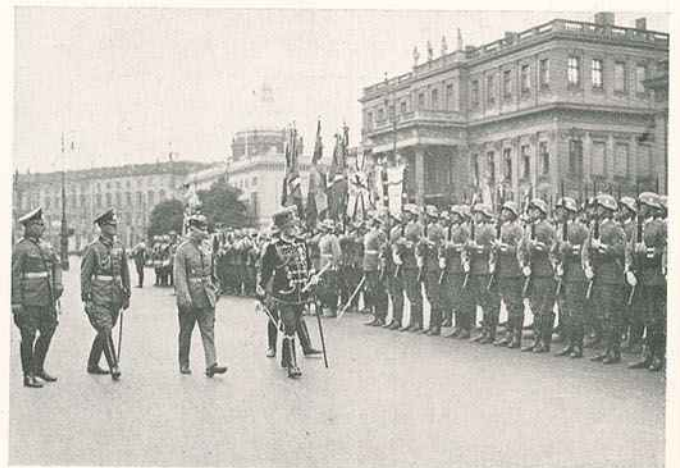
Um grupo de bailarinos jugoeslavos mostrando em Lustgarten, em Berlim, os seus trajos e os seus bailados nacionais ante uma selecta multidão que aplaude entusiasticamente



No 38.º Congresso da «Fédération Aéronautique Internationale», realizado em Berlim, os congressistas admirando os magníficos bisontes que se encontram no seu cerrado da Schorfheide



Nos distritos mais ricos em paisagens pitorescas circularão diligências como nos tempos passados. A gravura acima mostra uma diligência bávara com o seu postilhão de jaqueta azul, fazendo a sua carreira romântica



No 125.º aniversário do regimento de infantaria n.º 21, vendo-se o feld-marechal von Mackensen passando revista à companhia de honra de infantaria von Borecke. Enfim, tudo adentro da disciplina germânica



# JUDEUS POLACOS

Não me recordo de quem são estas palavras, escritas ou pronunciadas num instante de grande emoção: "A situação dos judeus polacos constitui a prova de que a humanidade não avança: — regressa ao caos e à miséria".

Quem assistiu ao êxodo de centenas de judeus polacos e se misturou propositalmente com eles, procurando adivinhar a miséria e a fé que destrói e anima, corrói e movimenta de fronteira para fronteira, de país para país, de continente para continente, centenas de famílias indocumentadas e possuindo, como único bem, o bilhete de passagem, cedido por uma Associação de caridade; quem observou a vida desses aglomerados humanos, vencidos pela tempestade e pelo ódio, pela luta de raças e de ideologias, aglomerados constituídos por velhos, crianças, mulheres, pequenos comerciantes, intelectuais, médicos, advogados, engenheiros, professores, rapazes expulsos das escolas, todos judeus sem dinheiro, poderá compreender e sentir o drama dessa pobre gente que a polícia de todos os Estados persegue e expulsa, indiferente à tragédia que os dizima e os atira, aos encontrões, de porão para porão, na descoberta de lugar tranqüilo e seguro.

Os povos, os Estados calmos e organizados, ou aqueles cuja emigração é carregada pela amizade, pelas afinidades, e pela tradição, não sentem, não aprofundam o drama desta pobre gente.

Alcunhados de indesejáveis, de agitadores, de elementos cáusticos e dissolventes, expulsos da pátria cuja independência ajudaram a cimentar, considerados por todos como elementos perigosos, e pelos judeus com dinheiro como miasmas do anti-judaísmo, os judeus polacos, atirados pela fatalidade e pelos pogromos para a lama da emigração, viajando de país para país, quasi sempre sem dinheiro para comer, habituados a todas as misérias, e quantas vezes servindo-se delas para matar a fome, constituem um bando, apoiado de todos os crimes, que a vida rola e destrói, desfaz, corrompe, desgasta ou conduz a Nova York, pátria dos judeus sem dinheiro.

Contudo, quando essa massa heterogénea, constituída por elementos bons, neutros ou suficientes, gente que sofre e gente sombria, se fixa e agarra à terra, e a deixam medrar, usufruir meios de subsistência, ganhar a vida entre os naturais do desterro, do exílio, e educar seus filhos, sim, quando a deixam viver e respirar livremente, essa massa heterogénea, constituída por farrapos humanos, consegue vencer e dar ao mundo alguns dos homens de que a humanidade se orgulha. Não preciso citar nomes, ou argumentar com Freud, Bergson, Einstein, nomes — vitrines, nomes — cartazes, de todos conhecidos e por todos admirados.

Não preciso ir buscar nomes aos melhores nomes alemães, austríacos, checos, ingleses e americanos, Sokolow, Dubnow,

Jéhouda, Weitzman, Lehman — Rosamond Lehman é uma das maiores romancistas inglesas, e do mundo! — e tantos outros nados e criados no seio, no ventre dessa massa heterogénea que os pogromos e as lutas de raças atiraram para fora da Polónia, das pequenas aldeias fronteiriças da Rússia, da Estónia e da Letónia, do extremo do oriente europeu, e soufreu, saltando de país para país, até à fixação e adaptação, a maior das misérias.

Quanto sofrimento, quanta luta! Vocês esquecem que a pior das misérias é a da emigração.

São de um velho filósofo grego estas palavras: "... il y a peu de formes de misère plus dures que celles qu'endure une famille de réfugiés".

Homens, mulheres, crianças, farrapos humanos, bôcas famintas, mãis que se humilham para dar de comer ou para educar os filhos, para emprestarem aos filhos uma pátria livre.

O pior é o resto, não é só comer. Dinheiro para comer nem sempre falta; para viver honestamente, quando se anda aos saltos de terra para terra, é mais difícil.

Só as pessoas que voluntariamente se misturaram um dia com esta pobre gente, habituada à crueldade de todas as dores, morais e físicas, poderão sentir e descrever a intensidade do drama, cujas personagens, por insignificantes, se reduziram a sombras, a espectros!

Tenho privado com algumas dessas famílias, ouvido e sentido os seus queixumes.

Na massa heterogénea que tem passado por Lisboa a caminho de outras terras, quasi todos a caminho das Américas, tenho encontrado de tudo.

Não são piores ou melhores que os polacos cem por cento polacos. São iguais, absolutamente iguais. O tecido é o mesmo, a histologia étnica a mesma: os mesmos defeitos, as mesmas qualidades.

A Polónia é, ainda, um país que pertence a meia dúzia de senhores, servidos por milhões de homens, cristãos, ortodoxos e judeus.

O anti-judaísmo é o *panem quotidianum*, o pão da discórdia que os grandes senhores distribuem à massa dos explorados.

Emquanto estes vivem entretidos, odiando-se uns aos outros, os senhores feudais divertem-se despreocupadamente, comendo caviar e ouvindo música, umas vezes ao lado da França, outras ao lado da Alemanha, fazendo o jogo de ambas as potências, consoante a necessidade do momento, contribuindo largamente com as suas incertezas, seus vícios, seus desvairos para o desequilíbrio do oriente europeu.

Quando a classe dirigente é constituída por material desta natureza, o povo, a massa, a que, protegida pelas leis, fica dentro do país e a que as leis, urdidadas viciosamente, expulsam, repelem, lançam

«O êxodo», gravura em madeira por Loung



fora, não pode ser melhor ou pior — reflecte, espelha, reproduz, as mesmas incertezas e os mesmos vícios.

A história diz-nos que a Polónia só é grande quando luta com a adversidade e procura romper os diques do martírio.

O génio do Chopin criou-se entre o estrondo da metralha.

O *ghetto* de Lwow! Quantas recordações o nome desta cidade traz à memória de todos nós. O *ghetto* de Lwow! Vão decorridos alguns anos: 1918! "C'est du ghetto de Lwow, certainement, que Jérémie voulait parler".

"La Pologne les hait. Elle les a chassés de tous ses monopoles, elle les a rejetés de sa vie nationale, encore beaucoup plus que ne l'avaient fait les tsars."

São do grande escritor católico, o tomista Jacques Maritain, estas palavras dirigidas aos polacos: "Os polacos sabem muito bem que não disse tudo quanto sei, quanto poderia dizer... Rodiei-me de todos os cuidados para não os magoar. Sei muito mais do que vos acabo de contar. O grande Pilsudski, na reabertura da Universidade de Varsóvia, lembrando o sofrimento do povo polaco, escravizado durante séculos, disse não admitir lutas de nacionalidades ou de raças."

Jacques Maritain não disse tudo, propositalmente, para não magoar os seus amigos, esqueceu os pogromos, a barbáridade dos estudantes polacos que, noite alta, assaltam e destroem a vida e os haveres dos judeus, os cemitérios e os templos... Não disse tudo: os bancos dos *ghettos* nas Universidades, toda a tragédia de Israel na Polónia, incompatível com a orgânica de um povo civilizado!...

Causa-me pena e dor a situação destes desgraçados; as mãos malditas dos seus perseguidores, essas, causam-me dó! Pobres judeus polacos! Eu sinto a vossa dor e compreendo o vosso sofrimento! Pobres judeus polacos!

AUGUSTO D'ESAGUY.





Luso - Vista parcial

## Luso

No xadrez turístico da Beira Litoral destaca-se como pedra de inestimável valor o Luso, estância termal de tratamento e repouso, local aprazível de requintada beleza natural, manancial inesgotável das preciosas águas que têm o seu nome. A pouca distância de Coimbra, facilmente acessível, quer por via ferrea, quer pelas magnificas estradas que a servem, constitui um dos mais lindos passeios desta privilegiada região.

Para justamente corresponder à acentuada preferência dos seus frequentadores, cujo número vem aumentando em ritmo acelerado, tem ampliado e melhorado constantemente as suas instalações. O estabelecimento termal, modelar nos serviços que presta, no conforto e comodidade que proporciona, acaba de se valorizar notavelmente com a recente inauguração de uma nova ala de cabines de banho, instaladas à esquerda da Buvette, com o maior luxo. Servida por um largo e extenso corredor, em lindos mármoreos os seus altos lambris e as tinas de vivas côres, e a excelente qualidade dos materiais utilizados não só na construção como nos vários utensílios dessas cabines, tornaram este estabelecimento termal o melhor e mais luxuoso da Península.

E não ficam por aqui os melhoramentos em curso, por isso que outra ala idêntica de cabines se vai fazer no lado oposto, e como remate destas obras já bem notáveis, inicia-se em breves dias a edificação de um grande hotel que será digno da elevada categoria destas termas, de forma que a sua inauguração se faça precisamente na altura da comemoração do centenário da nossa nacionalidade, contribuindo assim o Luso, com a sua quota parte, para as realizações projectadas para essa data.

Entramos agora na época do maior movimento destas termas e pelas inscrições até hoje feitas, constata-se o seu progressivo aumento que se vem acentuando de ano para ano, reconhecendo-se assim implicitamente não só o valor terapêutico das suas águas, como também a influência das instalações. Os banhos rádio-activos cuja benéfica acção está geralmente reconhecida é seguro os seus efeitos no tratamento das doenças do coração e dos rins, o emanatório para inalação dos gases que, segundo o professor da Universidade, dr. Mário Silva, ocupam o terceiro lugar entre os mais rádio-activos do mundo e o primeiro nas nascentes portuguesas, o Laboratório devidamente apetrechado, a elegante Buvette com um espaçoso hall, completam esta notável instalação.

Para recreio dos aquistas e visitantes possui o Luso um frondoso parque, da mais agradável temperatura nas estações esquivais, um belo Casino de vastos salões, com uma larga varanda, ponto de reunião dos seus frequentadores que ali têm assistido às mais animadas festas e ainda um court de ténis para os amadores. Por todas estas circunstâncias a estação termal de Luso é simultaneamente um centro turístico de apreciável valor.

Ficariam incompletas estas notas ligeiras se não fizéssemos referência às suas águas de mesa tão justamente apreciadas pelos seus consumidores espalhados pelo Continente, Ilhas Adjacentes e Império Ultramarino, cujo consumo vai aumentando constantemente em ritmo acelerado o que constitui a mais concludente demonstração do seu valor. Um caudal de desasete mil litros por hora fornece o precioso líquido, sem dúvida, a nossa



# PELA BEIRA LITORAL

primeira água de mesa, como tal sancionada pelos hospitais e casas de saúde, que a todas a preferem, assim como os hotéis, restaurantes e cafés, muitos dos quais já com ela preparam o café e chá servidos aos seus clientes, porque todos a encontram de perfeita digestibilidade, sensivelmente diurética, inalterável e isenta de quaisquer matérias orgânicas. Ainda com a mesma água se preparam vários refrigerantes, presidindo ao seu fabrico o mais meticoloso cuidado.

Não pode, portanto, considerar-se exagerada a asserção de que o Luso como estação termal é do melhor que entre nós existe e como centro turístico nada tem a invejar a qualquer outro, quer pela multiplicidade de magestosos panoramas que nos proporciona, quer pelas suas excepcionais condições climáticas.

O seu progresso está entregue em boas mãos. Por um lado a Junta de Turismo, que lhe dedica os mais desvelados carinhos e ainda a Sociedade da Água de Luso, empresa portuguesa de que fazem parte altas individualidades da nossa terra e a quem a economia local muito deve.

## Bussaco

A uns quilómetros de distância do Luso entramos na mata do Bussaco que bem pode considerar-se uma das maravilhas do mundo não só pela sua frondosa vegetação em que abundam os mais raros exemplares das faunas indígenas e exóticas, como pelos vários monumentos por ela



Bussaco - A Fonte Fria

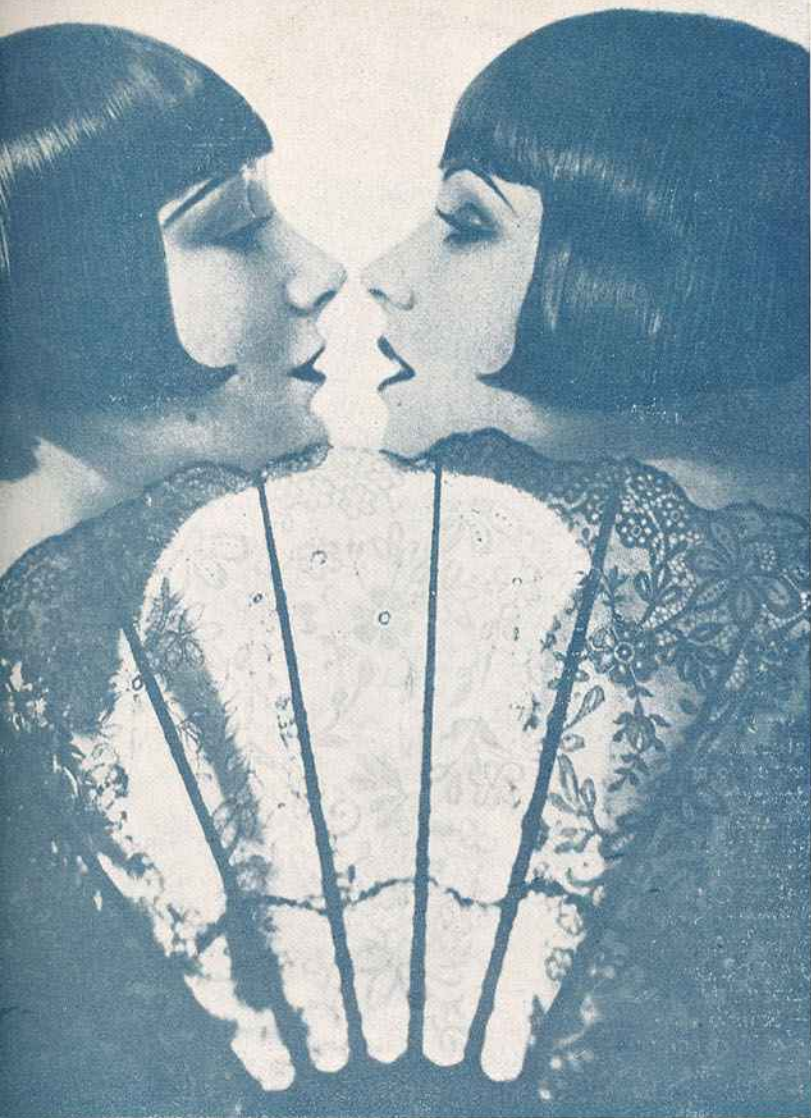
espalhados, evocativos de glórias militares e tradições religiosas e incomparáveis panoramas que nos proporciona.

Circundada por uma muralha de sete quilómetros, com dez portas de acesso, oferece à legítima curiosidade do visitante o Monumento da Guerra Peninsular, o Museu, o Lago e a Cascata, a Casa de Pilatos, o Passeio de Caifaz, a Avenida dos Cedros, as Capelas de Santo Elias, S. Miguel, Santo António, Santo Sepulcro e do Calvário, as portas da Rainha, da Sula e de Coimbra, as Fontes de S. Miguel, da Samaritana, do Carregal e Fria e, ainda, como inigualável miradouro, o mais deslumbrante em território nacional, a Cruz Alta, de onde se desfrutam em enorme extensão, serras, cidades, vilas, aldeias e até o mar, tem verdadeiramente encantado os milhares de estrangeiros que por lá passam e muitos deles das mais elevadas categorias têm tornado públicas as suas impressões, como o príncipe Lichnowky que confessou não ter encontrado nada semelhante em toda a Europa e que, durante a visita que lhe fez se sentira transportado aos antigos e maravilhosos bosques do Oriente.

A meio da mata, 380 metros de altitude, ergue-se um magestoso edificio, em puro estilo manuelino, construído para residência régia hoje considerado Monumento Nacional. É aqui que se encontra actualmente instalado o Palace Hotel que, sem dúvida, não tem similar onde quer que seja.

Luso - A buvette termal

# A JUSTIÇA DOS HOMENS



Para não cair nêstes erros, é preciso não precipitarmos os nossos juízos e na dúvida, abstermo-nos de formular uma opinião.

É justamente da justiça cá de fora, longe do ambiente trágico dos tribunais que eu quero falar-lhes hoje.

Sob êsse ponto de vista, tenho observado muito, tenho visto e ouvido muita

coisa e tenho sofrido, como consta, as birras e levandades dessa justiça.

E tôda a gente, mais ou menos, tem sido ferida por ela, nas suas aspirações, na sua sentimentalidade, nas suas esperanças, nos seus méritos e nos seus direitos a mais carinhoso acolhimento.

Não se julga pessoa alguma, pelo seu próprio valor.

Olha-se simplesmente á posição que ocupa de momento na sociedade ou, então, á amizade que liga quem crítica ao indivíduo criticado.

Acho muito bem que nesta segunda causa o crítico cuide de acarinhar a sua amiga ou o seu amigo, mas sem diminuir, na sua crítica, outra ou outro de mais valor e que não tem a dita de merecer a sua simpatia pessoal.

É humano, porque errar é humano também, como diz o aforismo em latim, que quem pode coloque os seus parentes e os seus amigos em bons logares, que o empregário puxe pela crista de quem quer fazer uma estrela, porque ela brilha há muito no seu coração; mas que não se prejudiquem totalmente outros com maiores direitos — os direitos da sua inteligência — e se lhes dê igualmente auxílio e se lhes preste a homenagem que merecem.

Mas quasi nunca é assim.

Há quem faça monopólio da justiça e da assistência só para aqueles da sua feição.

Em geral é desta forma que se julga dos méritos de alguém:

— Se um jornalista infeliz traz a andaina no fio e botas cambadas, pode ter carradas de talento que não lho querem reconhecer.

Se a sua vida melhora e chega a director de jornal, os colegas estampam-lhe o retrato na primeira página, com grandes encómios ao primeiro trabalho que lançar no mercado livreiro.

E, todavia, êsse jornalista tem o mesmo talento de quando fingiam ignorá-lo.

E com tôda a gente sucede o mesmo.

O autor, o pintor, o ministro, qualquer magnate, emlim, são elogiados, incensados, quando estão em cima, no poleiro.

Se a sorte os apeia, deixaram de ter talento, deixaram de ter arte, deixaram de ser bons condutores.

Vejam vocês o Mussolini e o Hitler e mais alguém ainda, que hoje são levados em triunfo pela multidão, mercê de seus méritos. Se qualquer dêles tivesse uma hora má e escorregasse, caiam-lhe todos em cima, sem nenhum escrúpulo de consciência, nem a mais leve gratidão pelo seu passado glorioso.

Aqueles que já sofreram e os que estão em risco de sofrer tal passo sabem que eu tenho razão.

E sabem-no, também, êsses que julgam assim, segundo as suas simpatias ou segundo a posição social daquêles que estão sob a alçada do seu juízo.

Quando a gente morre, tem a vala comum ou um jazigo para recolher seus mortais despojos. Se é pobre, a primeira triste jazida, se é rica, a segunda, onde a vaidade humana pode ainda espojar-se em construções luxuosas.

A necrologia dos jornais dá-nos bem essa medida. E para lá vão alguns nomes que mereciam um lugarinho á parte, porque na vida se distinguiram. Mas quem pensa nisso? *Wo care?* como dizem os nossos aliados.

Temos ainda outra vala comum em vida, assim como jazida á parte, segundo as mesmas considerações. A vala comum da *Bibliografia* e o jazigo particular onde repousam os fructos da nossa mentalidade. Há quem tenha transladações várias, e tranzite da vala para a primeira página ou o contrário.

Que aconteça ou pode acontecer que não haja lugar disponível para bem colocar quem o merece em muitas ocasiões.

Partindo do princípio de que tôda a falta tem desculpa, ainda com vista no tal aforismo famoso, e de que a intenção não corresponde ao facto ou vice-versa, e mesmo de que o cérebro que ordena não pertence à mão que executa — perdoemos a essa mão e lamentemos êsse cérebro — só nos resta sofrer com resignação as injustiças e guardar em nosso coração gratidão eterna por aqueles que souberem julgar-nos lealmente.

MERCEDES BLASCO.

Não é positivamente da justiça que se aplica nos tribunais, ao abrigo da lei, que pretendo tirar elementos para esta crónica.

Nos tribunais erra-se muita vez, pelo menos mais vezes do que seria para desejar — e para desejar não seria nenhuma injustiça, mas êsse erro não é consciente.

Não se julga pensando se a criatura é rica ou pobre, se tem na sociedade uma posição brilhante ou se leva a vida a mendigar.

Os erros dessa justiça têm, ainda assim, uma justificação perante a própria consciência daquêles que são chamados a julgar os seus semelhantes que prevaricaram.

Há as aparências illusórias, há os caprichos do acaso, que se conjugam de molde a mostrar a verdade onde há apenas a sua imagem falsificada por factos que parecem trazer consigo a confirmação de suspeitas preconcebidas.

E aí está porque mesmo na vida de todos os dias nós não devemos julgar ninguém, por simples aparências.

Às vezes, pensamos duma criatura coisas que estão muito longe do que ela é na realidade, em bem ou em mal, e outras vezes fazemos dela ideias contrárias á verdade dos seus sentimentos.

Há também antipatias que nada justificam e que não são merecidas, e nos levam a pensar mal de quem no-las inspira.



Uma vista da Penha em Guimarães

a graça e viço da sua mocidade e na quele casarão sombrio.

Consumou-se o sacrifício, a iniciação do mistério orgiaco! Fauzes violentos, capripedes sátiros esmagaram a sua carne núbil; silenos gulosos e borra-chos maguaram os seus

**E**ROO-ME de manhãzinha. Já a cidade freme na labuta: ouço para os lados da Ribeira o ranger dos guindastes. Desço, à pressa, do Hotel da Batalha para a Estação de S. Bento...

E com quem topo, na escadaria da rampa, saindo dum casarão sombrio?

Com a linda rapariga que ontem, ao regressar da romaria de Gaia, vinha dançando e cantando sobre a ponte de D. Luís, à frente dum rancho alegre e estouvado!

E revejo-a, como a vi há poucas horas... Não era a filha de Jephthé, esvelta como uma palmeirinha nova e vibrante de emoção religiosa, que assim corria no taboleiro oscilante, ao clamor triunfal da multidão... Nem Salomé, inebriante, espalhando filtros de encantamento no seu gesto lascivo... Era uma donzelinha grega, uma banchante descalça, com o colo descoberto, o chale traçado seguro à cinta, os nús brancos erguidos freneticamente, sobre o peito uma grinalda de flores, nas orelhas brincos de cerejas, e o farto cabelo enrolado e toucado de espigas de ouro...

Mas onde, agora, a fúria dionisíaca do seu corpo? Onde o brilho de fogo do seu olhar?

Caíram, com os festivos adornos, tôda

lábios frementes; crueis centauros violaram a sua pureza; o negrume tristíssimo dos seus olhos guarda o álgido desespero, o pávido terror dos monstros.

O chale envolve ltuosamente a lassidão do seu corpo, como uma mortalha; o seu semblante lindo enoitece neste raio do sol, e, de quebranto, os seus quadris, vencidos pela luxúria, tem lentos meneios de ave ferida. Desce poucos degraus, e deixa-se cair, chorando...

Bailadeira, porque saíste do teu Candal, porque vieste à Cidade?

E tanta pena me faz a pobresinha, que quereria levá-la ao colo...

Já o combóio, arfante, passa o tunel...

**Campanhã** — Saindo da estação, logo os campos de cultivo começam. Fortes árvores frondosas: castanheiros, carvalhos e pinho bravo. Vinha livre, empareirada e de enforcado braceja sobre searas. Entre a verdura, moradias alvejam.

**Rio Tinto** — Alpercheiros, pecegueiros, ameixoeiras, figueiras — nos quintais. Sobre os muros alecrim e salva em flor. Águas tilintam correndo. Nas trincheiras, fetos, tojos, piornos. Povoados sobre a colina.

**Ermezinde** — Junto à gare um jardim



Alameda de Braga

## VIAGENS NA NOSSA TERRA

# Encantos do Pôrto de Braga por Guimarães

zínho, abrigado por austrálias, cedros e um cipreste...

À esquerda, o horizonte alarga-se. Uma ponte de pedra sobre o rio Leça fixa o olhar.

Salgueirais e linhais entre águas cantantes. Pinhais densos ao fundo da várzea. Renques de carvalhos, cujas ramadas a brisa alvoroca. Uma grande revoada de pombas desata-se pelo azul celeste...

Courelas, boiças, lameiros, onde vacas andam pastando.

**S. Romão** — Ao sol radiante, um galo canta!

Pequenos vales, à esquerda. Uma ribeirinha encantadora. Casais. Ao alto, uma igreja.

Aqui e além, abrem-se nas elevações que acompanham, de perto, a linha, portos, enseadas, golfões de verdura. Povoados dispersos, com os seus singelos templos.

**Trofa** — Mudamos de combóio, deixando a linha de Viana.

Um grande rancho de padres embarca...

Ào sair da estação, à direita, uma veiga formosíssima. Estrada para Santo Tirso.

A linha avança entre terras de amanhãio e pinhais, que vão alterando nos vales e nos cerros, entestados de povoações. Cursos de águas, com suas pontes graciosas, alegam os campos onde, desde o Pôrto, a vinha domina.

Atravessamos o Ave, cujas margens delicia a vista.

**Louzado** — Aprazíveis vivendas, afetoadas de rosas-chá.

Passamos um afluente do Ave. Milharais, vinhas... Nas devezas, bois de trabalho descansam — os bois laboriosos que entram sempre em tôda a paisagem do Minho...

Reaparece o Ave, para o qual, da direita e da esquerda, se dirigem murmurantes riachos. A terra não lhe é avara: de todos os lados, à porfia, lhe trazem seu tributo.

A vegetação torna-se planturosa. Os montes são doces, boleados; as árvores arredondam; nada de violento desconcerta o equilíbrio das coisas e dos seres.

A gente que vejo passar nas estradas vai lentamente, sem pressa — dir-se-ia que sem cuidados. Até as crianças brincam — mansamente...

Terra serena, farta. Há água abundante nas fontes e nos rios, hortaliça tenra nos quintais, vinho na adega, milho na tulha, porcos no cortelho, galinhas na capoeira... E não há pobre que não tenha onde descansar a cabeça debaixo de telha!

Atravessamos a linda quinta da Palmeira. — Uma ponte; uma represa...

Grandes pinheiros mansos: à sua volta, lenhadores aprestam-se para uma derru-

entre arvoredos, azenhas, quedas de água, represas e açudes, pontes de cantaria e simples pontões de madeiras...

Vamos agora descendo. E novas enseadas de verdura se abrem, de continuo, à nossa vista encantada!

**Vizela** — Na estação desembarca toda uma filarmónica... Um dos músicos — o que traz uma larda de general de divisão — leva o trombone debaixo do braço, e ás costas uma cana de pesca...

Um companheiro de viagem informa-me de que os peixes do rio são o escalo, o barbo, a boga e a truta. A última espécie é a mais procurada, tanto no Vizela, como no Ave e seus afluentes; mas o meu informador, que é de Louzado, favorece o seu Ave, dando-o como de maior abundância no divino salmonídeo, que de preferência se colhe á linha.

E eis a razão porque o general da filarmónica vinha aviado de cana: não quer perder o maior prazer que pode dar-lhe a sua vinda a Vizela, não tendo à mão o outro rio...

O lindíssimo vale, atravessado pela fila branca da estrada!

E sempre, e sempre, por toda a viagem — a seara e a vinha. O enforcado é, agora, em choupou e cordeiras.

Uma avançada da serra de Crasto bifurca a campina; um dos ramos, para nordeste, regado pelo Vizela, vai subindo para Fafe.

Inlecte o caminho de ferro, pelo outro ramo, para norte, deixando o rio. Mas, logo, um seu afluente nos consola da dureza da serra, que nos barra o horizonte



Ruínas gloriosas de Guimarães

a leste. E é sempre a mesma leiva fresca, e o mesmo doce murmúrio de águas...

Ha agora um padre no compartimento, acompanhado por uma destas formosas minhotas, que são o desespero, não digo dos nossos Rafaelis, de Urbino, mas dos nossos D. Joões de aldeia. Deve ser sobrinha ou afilhada do clérigo, que é já de certa idade... Ha renques de cerejeiras, com o fruto meio maduro, coral pálido; e a linda campesina ri de contente; — diz que, antes de quinze dias, colherá fartas abadas de cerejas, subindo até aos mais altos ramos!

Lembra-me a Albina de *La Fauté de de L'Abbé Mourel*; mas a visão pecaminosa passa-me logo, que o padre vai já para velho e a rapariga não sofre — bem se vê — de nevrose.

Devota, sim... E' ela que me indica, depois de termos chegado a Covas, á direita, no monte da Penha, o santuário da Senhora de Lourdes, uma das muitas Senhoras estrangeiras que em Portugal floresceram, antes de as vencer em dons de milagre a nossa Senhora da Fátima...

Mas uma nova enseada glauca, com um campanário alvejante ao meio, abre um sorriso de beatitude. Uma floresta, ao fundo, parece acordar... E *Guimarães* surge — o Castelo e as torres de três igrejas... Capital de Portugal ha oito



Trabalho na margem do Douro

séculos, e cidade sómente desde 1853, o vetusto povoado tem, além das suas indústrias florescentes, interesse arqueológico subido. O que mais desejaría ver, das suas modernidades era o Templo de S. Torcato, que guarda o corpo incorrupto d'este bispo, tão santo que foi dos poucos clérigos que não se uniram ao Conde Juliano, chamando os mahometanos, arabes e moiros, á Península...

Veneráveis reliquias!

Mas nem a cidade percorro, porque mal tenho tempo para almoçar...

De Guimarães a Braga vou num carro alugado, um pouco incómodo, mas bom para ir devagar...

Atravessamos Caneiro. Um riacho, uma linda ponte, quintas, com as suas cancelas, pintadas como por todo este Minho. Á esquerda *Fermentões*.

Uma bela vista! No horisonte a serra da Falperra.

Passam vendedoras de galinhas, ajudadas debaixo das cestas: parecem figurinhas de presépio.

Na varanda duma casa rústica, cortiços de abelhas. E as abelhas pairam nos loiros cabelos duma rapariga, que ao tear trabalha, muito séria, sem se inquietar.

Vamos descendo para um rio, o rio Ave, que de novo encontramos, sempre cortado de pontes.

Entramos nas *Caldas das Taipas*, a 8 quilómetros de Guimarães. Num largo, sentado num banco, um padre lê pacificamente o breviário... Passamos na Praça. É um dia de feira: rumorosa e pitoresca

multidão! Ao sair das Taipas, panorama vistoso, encerrado pela Serra da Falperra.

Numa colina, distante — a igreja de S. Clemente de Sande. Para trás, noutra eminência, a capela da Citânia.

Culturas, e, dispersas, árvores de fruto: noto nespereiras e limoeiros, espécies que não vira ainda na viagem, e uma oliveira, que me parece ser também a primeira em que meus olhos repousam. E cerdeiras novas, com as suas videirinhas ao lado.

Já vamos subindo a Falperra.

Em Sande — o tempo aqueceu — bebo, com o cocheiro, uma pinga de vinho verde. Excelente!

O vale do Ave, que vai subindo até á longínqua Serra da Cabreira, apparece-nos, também aqui, cheio de frescura e de sombra.

A vinha do enforcado forma-se em verdadeiros pomares; desatam-se os seus festões dos altos ramos das árvores, num efeito imprevisito.

Para norte, a bastantes léguas, distinguem-se os picos do Gerez.

Monolitos colossais espalham-se á nossa volta, na Falperra nua.

Subimos, sempre. Pinheiros, castanheiros, carvalhos. E, em tôda a terra amanha-da, a resistente cerdeira, que trepa a montanha. Milho e centeio, como nas baixas.

O Sameiro distingue-se já, nitidamente. Dentro o arvoredor, uma torre resai; é, além, Santa Marta.

Há courelas, lavradas de frêsko, para milho de restólho.

Alcança-se *S. Romão*, ao fim da veiga. Moradias novas, uma igreja...

Rosas chá e japoneiras. Pequenos

pomares de macieiras. E teares, matraqueando no silêncio do povoado.

*Alto da Moreira*. O cocheiro repete o verde, que o taberneiro, em mangas de camisa, lhe vem trazer ao carro — numa caneca bojuda, que êle emborca, do alto da boleia, duma assentada.

Da esquerda surge uma nova bacia graciosa de verdura — a do rio do Este, que só confluirá com o Ave, perto da Vila C. nde. Tôda ela se enfeita das pompas da vinha, erguida em socalcos.

Um palácio!

Sobreiros em chão bravo. Nogueiras, em amanhadio.

Uma cabra negra, lusúdia, solitariamente retouça na herva resequida dum outeirinho próximo. Destacando-se no azul, parece uma escultura alegórica do bucolismo agreste da Falperra!

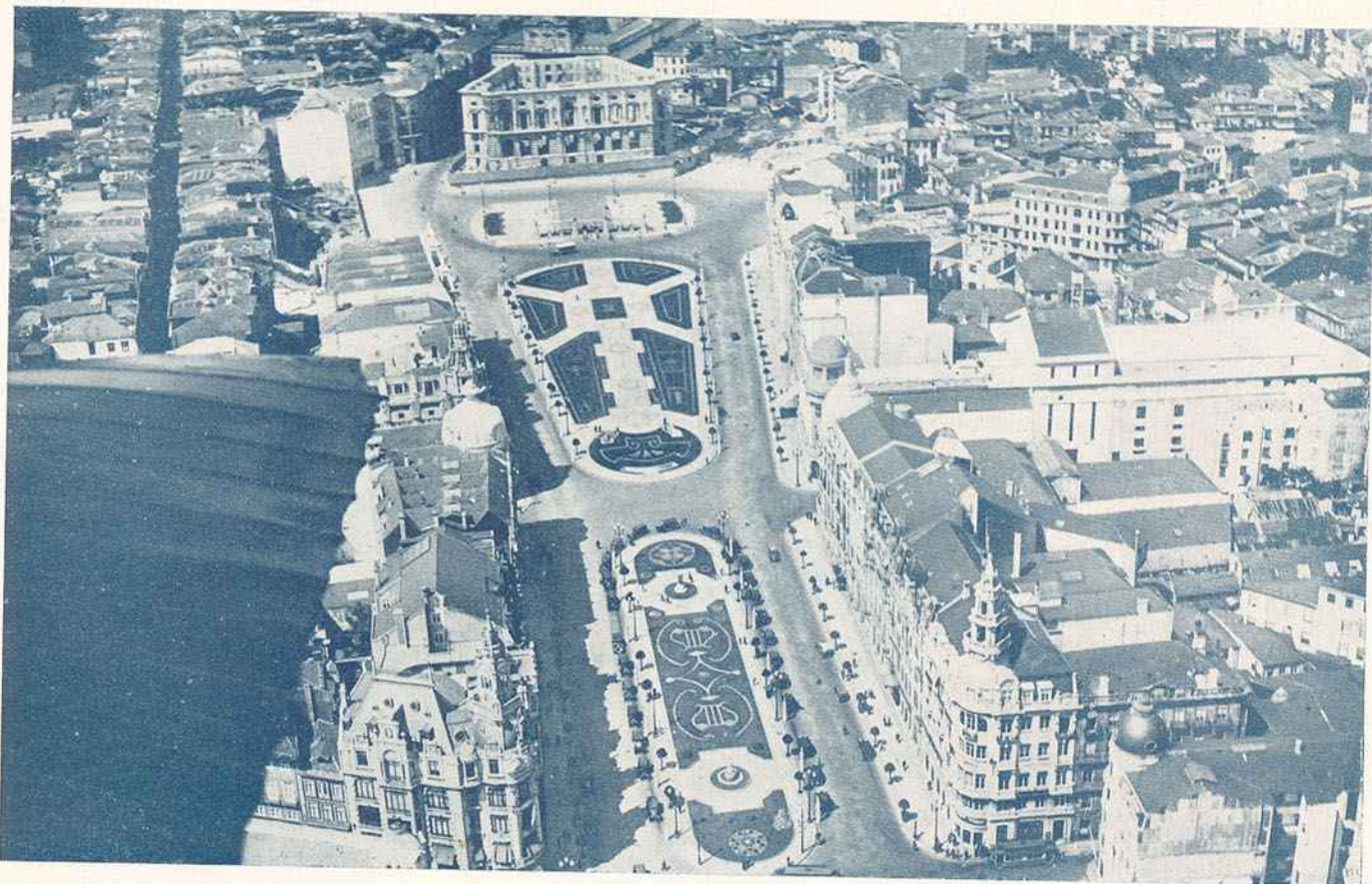
Atravessamos *Esporões*. Descemos; já ladíamos a montanha...

Eis o Sameiro!

O santuário fica numa das elevações que cingem a bacia em que assenta a famosa *Brachara Augusta*: Ouzal, Aboim da Nóbrega, S. Pedro de Fins, Nossa Senhora da Abadia, Carvalho de Este, Falperra, Santa Marta, Amarela, Bom Despacho, Castelo e Espinho. Num dos braços desta última está o Bom Jesus do Monte.

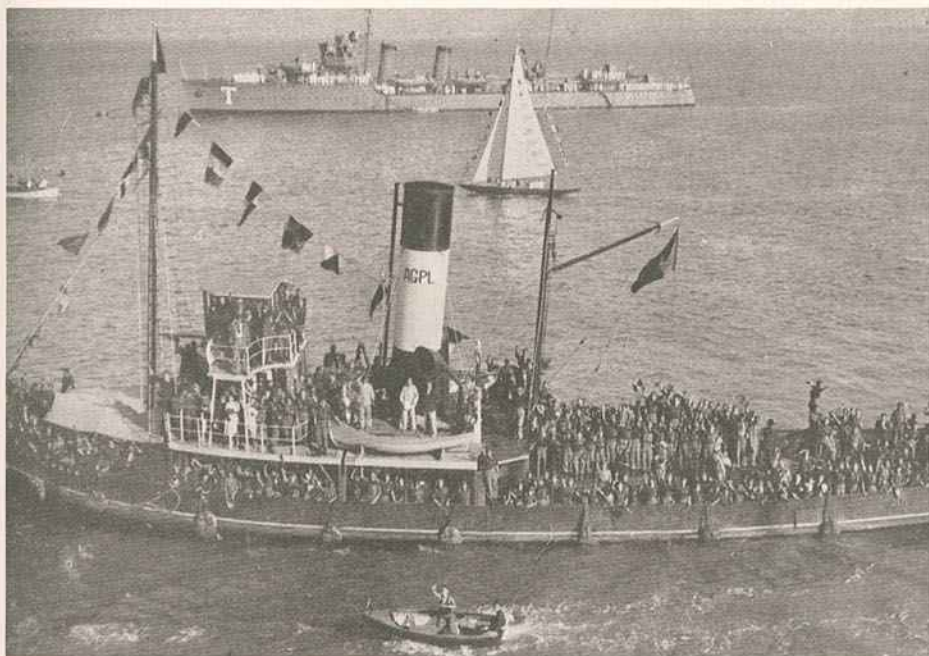
Descendo, descobre-se no vasto panorama a cidade — uma multidão de tórras assinalando igrejas... Corôa magestosamente a Roma Portuguesa o grande edificio da Sé, onde repousam o conde D. Henrique e D. Tereza, que em 1100 a reedificaram.

LOPES D'OLIVEIRA

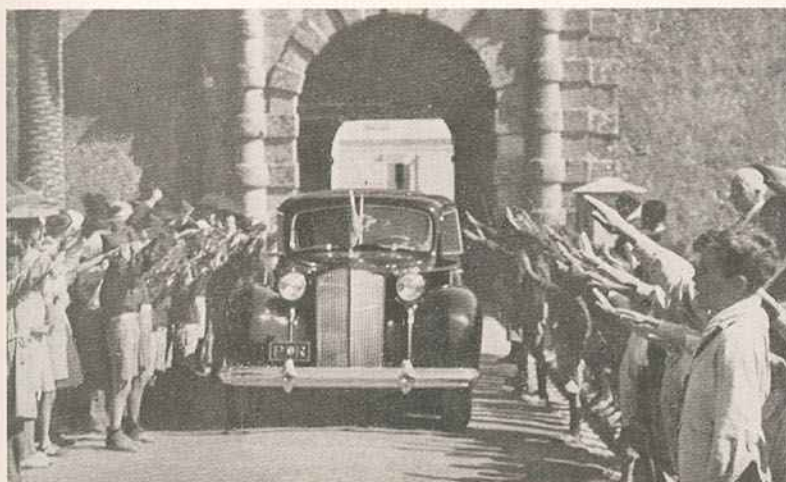


A Avenida dos Aliados no Pôrto, vista de avião

# A VISITA PRESIDENCIAL ÀS COLÓNIAS



O sr. Presidente da República e sua Esposa pouco antes do embarque. — À esquerda: A Mocidade Portuguesa saudando o Chefe do Estado no momento da partida. O sr. general Carmona recebeu à despedida a mais calorosa e impressionante manifestação de carinho e de respeito do elemento oficial e da população de Lisboa

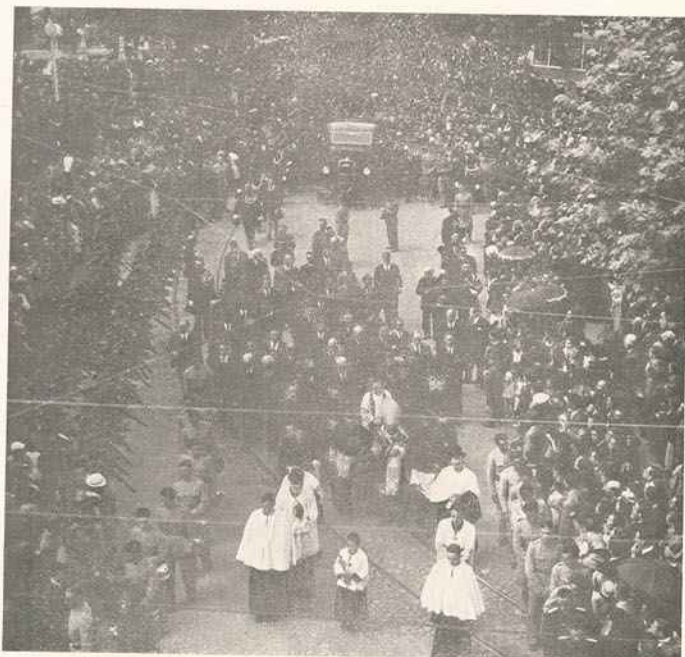


Ao centro: A chegada do Chefe do Estado ao Terreiro do Paço, vendo-se à direita o sr. Presidente do Conselho e o Governo. — Em baixo, à esquerda: O Chefe do Estado saindo da cidadela de Cascais por entre as saudações das crianças que serão os homens de amanhã. — À direita: a esposa do sr. Presidente da República subindo para bordo do «Angola»

## — A espantosa tragédia da cidade de Coimbra —



O estado em que ficou a casa-esqueleto. — A' DIREITA: Um impressionante aspecto do funeral das vítimas, vendo-se à frente o sr. Bispo-Conde. — EM BAIXO: Comovedor espectáculo do desespero duma mãe que esbraceja e grita contra a terrível fatalidade que lhe encheu de luto e dor o pobre lar. Mas o luto envolveu todos os lares de Coimbra...



Outro aspecto da casa-esqueleto, mostrando bem o efeito das chamas. — A' ESQUERDA: A condução dos féretros para a Sé Nova



Ao CENTRO: Os féretros, colocados em fila, frente da entrada capela-mór, na Sé Nova. Onze cadáveres, doze caixões brancos como a inocência das pobres vítimas! Dentro em pouco chegará outro... — EM BAIXO: Um aspecto do funeral em que toda a cidade de Coimbra, em lágrimas, acompanhou as pobres vítimas dessa espantosa tragédia. O ilustre escritor Rocha Júnior, que presenciou este espectáculo, definiu-o assim: "As violentas emoções que desde a noite cruel de quarta-feira passada vergastam os nervos de Coimbra, o espanto, a dor, a revolta, tudo quanto tem dilacerado o coração deste povo essencialmente bom, sublimou-se hoje no mais santo dos sentimentos: a piedade — piedade feita de lágrimas, de bênçãos, de orações pela memória de doze desgraçados moços que a mais estúpida das catástrofes arrancou a vida."





O castelo do Almourol

O altivo castelo do Almourol, onde o sr. dr. Oliveira Salazar, como ministro dos Negócios Estrangeiros, deu recepção aos representantes das nações amigas, tem, além da sua história gloriosa, as mais formosas lendas.

Segundo diz Francisco de Morais na *Crónica do Palmeirim da Inglaterra* que o castelo pertencia ao gigante Almourol que infundia medo aos mais destemidos. "Aqui vieram ter as princezas Polinarda e Misanguarda, com suas donas e donzelas, a quem o gigante deu hospitalidade e tratou com as maiores atenções. Pal-

meirim tenta roubá-las e salta a esplanada do castelo; mas estava ali o *Cavaleiro triste*, vencedores dos mais famosos campeões daquelas eras, o qual, desafiando Palmeirim para um *passo de armas*, que ali tinham estabelecido, o venceu e o feriu, tendo Palmeirim de ir curar-se das feridas para uma vila distante três quilómetros do castelo. O gigante Dramusiando, tendo notícia das grandes forças de Almourol, quis medir as suas com ele, e aqui o veio procurar combatendo com ele e o venceu. Dramusiando ficou então de guarda às princezas, obrando maravilhas de força e de valor.

## AS LENDAS DO ALMOUROL

### De ninho de águias a centrecepção ao corpo Diplomático

Existe ainda uma outra lenda que o povo tem conservado com a sua eterna alma de poeta.

Ei-la:

Há muitos anos — antes de Gualdim Pais — vivia no castelo do Almourol um grande fragoeiro chamado D. Ramiro, que ia às fossadas dos moiros e tinha

pedisse de beber, a moirinha assustou-se e deixou cair o cântaro que se quebrou.

D. Ramiro, cego pela raiva, enristou a lança, e atravessou as duas desgraçadas que morreram logo, amaldiçoando-o. Para ali ficaram os dois cadáveres estendidos no relvado do caminho, à beira do Zêzere, cujo murmúrio suave e preguiçoso



Alentejo do Cavaleiro triste

uma linda mulher e uma filha encantadora.

Um dia, havendo grandes tumultos nas terras da moirama, D. Ramiro partiu a combater os infiéis, num ímpeto de fera sequiosa de sangue. Deixou sózinhas no castelo a mulher e a filha, e de nada mais se lembrou do que embeber o seu montante nas carnes palpitantes dos adversários. As suas crueldades foram tais que as mãis moiras o amaldiçoaram à luz dos fogaréus dos seus acampamentos.

No seu regresso ao castelo, o cavaleiro cristão encontrou duas moiras — mãe e filha — que iam de cântaros à cabeça, buscar água à fonte do caminho.

Como D. Ramiro, cheio de sede, lhe

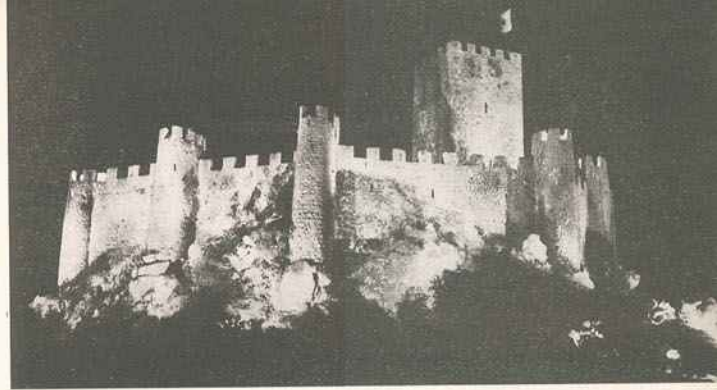
tomou naquele momento a sinistra vibração duma praga terrível.

Mais adiante, sentado num socalco, o cavaleiro encontrou um moirinho de onze anos que chorava amargamente a sua orfandade. Era o filho da mais velha das moiras que D. Ramiro assassinara tão cobardemente.

Achando engraçado o rapaz, o castelão pegou-lhe pela cinta, escanchou-o na garupa do cavalo e levou-o consigo.

Faria dêle seu escravo, esquecendo-se de que aquela pequenina alma transporia a ponte levecida do Almourol ruminando a mais atroz vingança.

Beatriz — a filha do castelão — começou a afeiçoar-se ao pequeno moiro que



O castelo iluminado

ia recalçando no seu íntimo os ódios terríveis que deveriam explodir, um dia, quando se lhe oferecesse a primeira oportunidade.

Mas o rosto cândido da donzela tinha tão mágico poder que, em breve, fizera esquecer ao moiro os seus projectos de legítima vingança.

Beatriz conversava com ele durante horas e horas, e pedia-lhe flores que ele, rasgando as mãos e os joelhos, ia colher nas ravinas e nas margens das lagoas vizinhas. Que melhor paga desejava ele do que poder beijar aquelas mãos diáfnas que se abriam a rebeber a amorosa oferenda?

Entretanto, D. Ramiro partia novamente a chacinar moiros, e por lá andou meses e meses, sem que se soubesse o seu paradeiro.

Dizia-se que sua mulher, julgando-se viúva, entrara a definhar-se, morrendo pouco depois. Mas a verdade é que a desventurada sucumbiu a um veneno subtil que o moiro lhe propinou.

A filha chorou-a muito, mas como não

há mal de saúde eterna, procurou suprir o grande amor que morria com outro grande amor que nascia.

Mais se dedicou ainda ao jovem moiro que lhe falava da sua raça, dos seus sonhos, naquela linguagem perfumada de encantos que só os orientais sabem ter.

Decorriam os dias, e a donzela continuava sem notícias de seu pai. Só a voz de Ali — o moirinho — na sua toada dolente e cheia de poesia lhe falava de modo a chegar-lhe ao coração.

Debruçada nas ameias da sua torre albarrá, Beatriz sentia na nuca o hálito ardente do servo, que já esquecera a sua vingança.

Dentro em breve, a jovem, olvidando o pai que tanto se empenhava na extinção da raça do seu amado, entregou-se de corpo e alma ao seu amor.

Ilusões da juventude! Amaram-se à luz do luar, viveram de beijos com grande espanto das damas e donzéis.

Oh! o poético castelo do Almourol!



Figuras do sermão romântico



O banquete no Terreiro do Castelo



A coroação da Virgem, por Bernardino Martini, no Museu de Perugia

PERÚGIA e Assis estão presas uma à outra por uma fita de estrada, que leva meia hora a desenrolar. Foi nesta fita, mais ou menos, que há muitos séculos ficou preso um moço combatente, poeta e estroina, caído nas malhas dum cilada que o levou às masmorras peruginas, donde saiu para se tornar santo no seu burgo natal. É a memória sagrada deste moço poeta, que dum lado segura a ponta daquela fita, enquanto Paulo Farnésio, soberbo e faustoso, a segura do lado oposto. Mas outros laços prendem estas duas formosíssimas cidades: os da História, da Arte e da Fé. Ainda que cada povo procure servir-se de armas desiguais — como naqueles tempos antigos

— os fins que desejam atingir são de indestrutíveis afinidades. São rivais, porque são vizinhos, porque um canta e outro reza. O paganismo de Perugia, é mais aparente que real, com amorosas à solta, estudantes a rirem e aristocratas saudosos nos seus palácios. De tradições romanas e etruscas, heráldica de semblante e chieira nas atitudes, com desconcertante bulício social e alegre, onde as matronas tomam a dianteira nos jogos, tornou-se inofensiva e bucólica, arrazada de forças e generosa para com lódas as crenças estrangeiras. A religiosidade de Assis é que é mais forte, mais persistente, mais enraizada na terra e sublimada na atmosfera, valorosa e humilde. A História daquela foi vencida pela lenda franciscana da outra. A Idade Média foi um tecedoiro maravilhoso de sonhos; e se Perugia se contentou em cantá-los nas pedras douradas e côr de sangue esmaecido dos seus monumentos, Assis preferiu em subtil oração, enlear a alma dos poetas com os seus mistérios. Porém, palácios ou mosteiros, torres ou ermidas, condotieiros ou monges, espadas ou cruces, cantigas ou preces, tudo igualmente ficou soberbo, dum lado com brilhos heróicos e do outro com brilhos de luz. No cume de cada monte em que assentam estes burgos encantadores, erguem-se, em paralelo, as torres dos baluartes e as torres das igrejas. Dum lado a força e do outro a bênção. Todavia esta, com os séculos de generoso perdão,

dominou aquela de altiva prosápia. Perugia admira-se e basta-se no passado; Assis humilha-se e vive em adoração no presente.

Existe um mosaico romano com a figura de Orfeu entre feras e pássaros atraídos pelos sons da lira que tange, na cisterna dum templo pagão, aproveitado pelos católicos para o culto de Santa Isabel, a meio daquela fita de estrada que liga as duas cidades, longe das portas das suas muralhas, e que, por assim dizer, separa as crenças de ambas, desconfiadas de tal feitiço mitológico. Dum lado a torre de Sciri e do outro o campanilo de Minerva, dividiram o génio dos seus artistas: — Bonfigli, Fiorenzo di Lorenzo, Boccati, Perugia, Pintoricchio, Bernardino di Mariotto e Agostino di Duccio; Giotto, — o Mestre — Cavallini, Cimabue, Simone Martini, Buffalmacco e Pietro Lorenzetti.

A lenda, que é a parte mais poética da História e da Tradição, inventou a fundação de Perugia com uma pitoresca manha de Noé, o qual andando por aqueles sítios, na procura de lugar propício para instalar a sua grei, viu passar duas pombas pelo céu, levando cada qual, no bico, uma espiga de trigo e um raminho de oliveira, assinalando assim a fertilidade daquelas abençoadas terras. Mas faltava-lhe a razão maior para a sua decisão definitiva. Nisto, passa uma cegueira no ar, trazendo no bico, por sua vez, um esplêndido cacho de uvas, maduro e luzente como cristal. Tanto bastou para que Noé não procurasse mais e logo ali fundasse aquela cidade, onde certamente tomou saborosas carraSPANas. O certo é, que o vinho e o pão destes lugares, são excelentes. A Umbria, além de provincia sagrada e heróica, é abundante em oliveiros e vinhais, mas também em frutos e águas doces. A sua paisagem é caracterizada por montículos em cadeia, variados de côr consoante as sementeiras, de arbustos rasteiros e com o lago de Trasimeno que logo a seguir à alcandorada Cortona, amenisa a caminhada dos viajadores vindos de Siena, com efeitos românticos de acalmada luz, para mais cer-



Porém: o Nascimento de Jesus, por Fiorenzo di Lorenzo, no Museu de Perugia

## SOB OS CÉUS DE ITÁLIA

# O doce misticismo de Assis e Perugia

cado de sargaceiros altos onde as aves fazem ninho, e doutros macissos arvoredos em socegado extatismo.

A lenda de Assis é mais espiritual e mais doce; foi um poeta que se fez fradinho sem inícios de seminário, feliz e votado à dor, que a criou, com o seu amor aos montes solitários, aos lobos de Gubbio e às flores agrestes. Renunciando às riquezas e às glórias do mundo, em vez de cuidar do azeite e dos prazeres de Noé, preferiu, plantar uma fé de sacrificado contentamento, votado a Deus e aos humildes, rasgando o corpo nos silvedos e purificando a alma nas orações da Porciúncula, de forma que ao morrer todos aqueles que lhe beijaram as feridas dos pés e das mãos, pela conversão, se tornaram seus discípulos, tal era o perfume exalado das suas chagas.

Pão e rezas... vinho e flores... Eis os milagres destes dois burgos. Dum lado a nobreza, no largo maravilhoso do Palácio dos Priores e da Catedral, chorando o passado pela música das águas da Fonte Maior; e do outro, um santo noivando com a Pobreza nos altares de S. Damião, cantando a glória do futuro, mendigando aos ricos o pão dos pobres e beijando o esterco das pústulas dos leprosos.

Certa noite de verão, em Perugia, uma vendedeira de flores ofereceu-me um molhe de trevos com quatro folhas, desejando-me boa fortuna. O luar desviou-me para fora de portas, ladeira abaixo e campos fora. Atraído por uma cantiga de amor, fui dar a umas vezes para as bandas de Sant'Angelo, basílica católica apoiada num monumento circular e romano. A aventura foi inesperada e se não fôsse um cocheiro filósofo, de bons conselhos e pitorescos ríloes, ter-me-ia deixado prender até à saciedade. Felizmente que dentro de cada tonto, há sempre um Sancho Pança! Ao regressar, por alturas da igreja de S. Francisco, pegada ao oratório de S. Bernardino, a cidade escureceu e deixou-me sem oriente. Dali ao Palácio Comunal eram dois passos. Uma multidão excitada galgava as escadas e os becos, esgueirando-se pelas rampas e por baixo dos arcos, apressada e garrulando. Segui-a, ansioso por saber a causa da escuridão, e fui dar à praça nobre do estupendo tanque que Pisano lavrou numa inspiração de génio, como se burilasse um dos seus famosos púlpitos. Uma massa compacta de gente, mulheres e garotos, velhos e soldados, acocorada na escadaria ao pé do papa de bronze, sob o alpendre da lóggia de Braccio e nas embocaduras das ruas, lembrava uma reunião de duendes em plenas trevas, silenciosos, diante dum

pano branco e enorme, onde deslisavam, mudas e solenes, as imagens do entêro de Marconi. Nisto, passa um homem isolado. Do silêncio ergue-se um clamor. Acendem-se os candieiros e descubro então centenas e centenas de pessoas, sentadas no chão, encarrapitadas na fonte, nos degraus das escadas, penduradas nos bronzes grãos alados dos gúelfos, debuçadas no parapeto dos palácios e nos balaustres que cercam a Sé, levantando-se todas num salto, estendendo o braço e gritando: — "Duce! Duce!" E todas as pedras, as torres, os arcos, as igrejas e as portas de Perugia, repetiram num eco: — "Duce! Findava a fita e a ovação fôra delirante. Com a electricidade, como espectros saídos da sombra dos séculos, milhares de vozes nasceram da terra, das paredes, dos buracos, dos corações: — "Duce! Duce!..." Compreendi nesta hora o prestígio idolátrico dum Chefe.

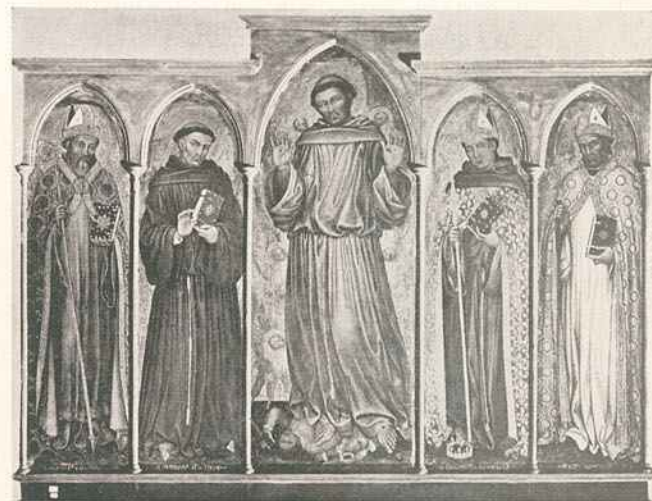
Gente assim, simples, comovível e entusiástica, presta-se, na verdade, a ser modelada a gosto, dando-se-lhe em troca da bravura e dos sacrificios para bem da Pátria, uma noite de cinema ao ar livre e motivos para cantigas de amor! A frieza do meu ridículo desânimo, não se manifestou senão com um sorriso. Sou português e, ou porque a minha sensibilidade ficasse lá longe, liricamente, na aventura da boa fortuna das trevas, ou porque nunca tivesse tido a fortuna de achar um idolo, dirigi-me ao boteguim mais próximo e, fazendo sinal ao criado, exclamei, impertigadamente: — "Prego! Traze-me aguardente de cana e um copo com gelo!..."

Em Assis, num hotel famoso — o "Subúrbio" — pegado ao claustro exterior do Mosteiro que Frei Elias delineou, quando declinei o meu nome e a minha nacionalidade para informações policiais, uma inglesita de olhos aguados exclamou: — "oh! português? parabéns!..." — Soube depois que era freguesa da Madeira. Mas quem correu, com sorrisos e uma saudação romana para o novo hóspede, foi um velhote de casaca, mestre da sala de jantar, que depois de inspecionar o livro dos assentamentos, me estendeu a mão fraternalmente e esclareceu: — "Da terra de Santo António! Seja benvindo! Esteve cá um Poeta, seu patrício e nosso amigo, há tempos, que me disse uma coisa que nunca mais esqueci e tenho repetido a todos os peregrinos: — "Os hospitais são obra dos homens para a cura dos corpos; mas Assis é obra dum Santo para a salvação das almas". Isto devia andar escrito num cartaz! Se este albergue fôsse meu, mandava gravar estas palavras na frontaria. Nunca esquecerei a voz deste amigo. Quem tem na

sua terra um poeta que fala assim, como lei, é digno da minha amizade e vou já arranjar-lhe uma mesa ao pé da janela que deita para o jardim... Quere caldo verde ou canja?..."

Assis não é somente um lugar para rezas; também tem ingleses e italianos. Se um lombardo franciscano me abriu os segredos do seu mosteiro e outro, alemão, me revelou os do de Santa Clara, e um professor me explicou as intimidades históricas da terra, e um cocheiro me levou aos sítios pitorescos, de vistas panorâmicas ou de negócios, foi, contudo, um Poeta da minha terra, com as suas credenciais fixadas na memória dum criado, que me abriu os braços da gente tóda. A simples evocação daquele que foi o embaixador de Portugal no centenário de Santo António, devo a liberalidade moral com que Assis me protege na sua magnífica pobreza. Com que orgulho — ai os inofensivos orgulhos dos mais humildes! —, ao entrar na igreja baixa de S. Francisco, onde repousam os seus ossos e as mais enternecedoras reliquias da sua vida, embalsamadas pelos beijos devotos de milhões de almas, ouvi uma rapariga, meia pedinte meiaromeira, mostrar-me ao namorado e dizer escondido: — "O português!", — Pareceu-me que naquele momento tóda a terra tinha ouvido o segredo e até o Sol se voltava para mim. Porque este era forte, escondi-me na sombra da basílica. É que em Assis fica-se simples, pequenino, como um bafo respiração!

Tinha protestado a mim mesmo, não escrever uma só palavra sobre Assis, como não escrevi sobre Ávila, quando evoquei a Espanha de ontem. De Flo-

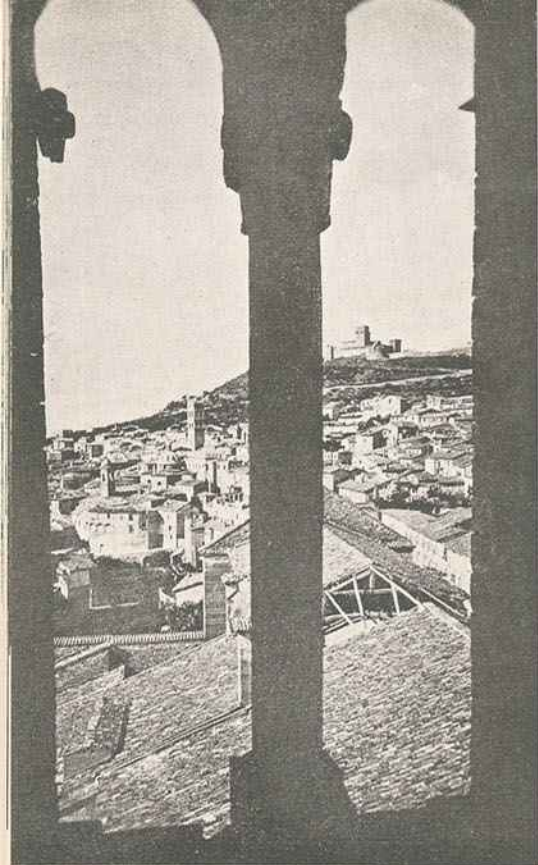


S. Francisco levado por Santo António, S. Lúis, S. Constantino e Santo Ercolino, por Taddeo di Bartolo, no Museu de Perugia



A Virgem e o Menino, por Cimabue, na Basílica de Assis

rença falar pouco, como de Toledo também não tive coragem de falar. Rezar-lhes sim; mas guardar para mim o que não sei dizer e os alheios não devem saber. Os paralelos sentimentos são freqüentes entre certos burgos italianos e espanhóis. Em Siena, pesquisando os lugares pobres e cheirosos a flores, onde Santa Catarina viveu e orou, vieram-me mil vezes à recordação, os que Santa Teresa glorificou em Ávila, com a sua presença. Estes dois países foram ricos de pobres e de santos; se um teve mais fidalgos, o outro teve mais guerrilheiros. De aí, a abundância



Um trecho de Assis, visto do campanário de Santa Clara

dos tais pobres e santos, os quais pela humildade e pelo martírio, fizeram a terra merecer o céu que a abençoa com a sua luz e ela fita eternamente, assombrada pela beleza dos clarões. Estas paixões provocam misticismos nos bons, e mistérios nas imaginações dos poetas. Os de Espanha eram lúgubres, violentos, sombrios de sangue; os de Itália são claridades, canções, festivais de flores.

Em Assis tudo é luminosidade e silêncio. Caminha-se de olhos espantados e em bicos de pés. O sol é forte, mas é gostoso sentir a pele crestar, visto ali a dor ser de benefício, por aquelas ladeiras

arriba, pelos vãos dos arcos e das escadarias, no meio das praças, nos descampados que nos levam a Santa Maria dos Anjos ou a S. Damião, nos jardinsitos das casas, nos claustros... Assis é um grande claustro a murmurar. Os forasteiros sobem ao Castelo — la Rocca —; cortam um parque para irem à Catedral, com o seu campanário alto; vão ver o templo de Minerva, com a torre pegada e a fonte no canto da praça; vão ao Monte Frumentário; vão ver as casas emparedadas; vão ver o buraco onde nasceu o Poverello; vão admirar S. Bernardino; vão orar nos Cárceri de S. Damiano; grimpam ao Monte Subásio e colhem lembranças dos ciprestes e das oliveiras no caminho; visitam Santa Clara; rezam na Porciúncula, que como jóia dentro de Santa Maria, é guardada por serventes de libré; e por fim, penetram na Basílica de S. Francisco, descendo ao pavimento baixo, depois à cripta e por fim ao piso de cima, percorrendo o convento, beijando as pedras sagradas que o Santo pisou, ajoelhando diante de Giotto e de todos os outros divinos pintores, acendendo lumes no altar-sepulcro e tocando as túnicas e as relíquias do Poeta. Estes forasteiros, sossegados peregrinos sem formaturas militares, não deixam segrêdo sem espiolhação, mas fazem-no em silêncio, cristãmente, franciscanamente.

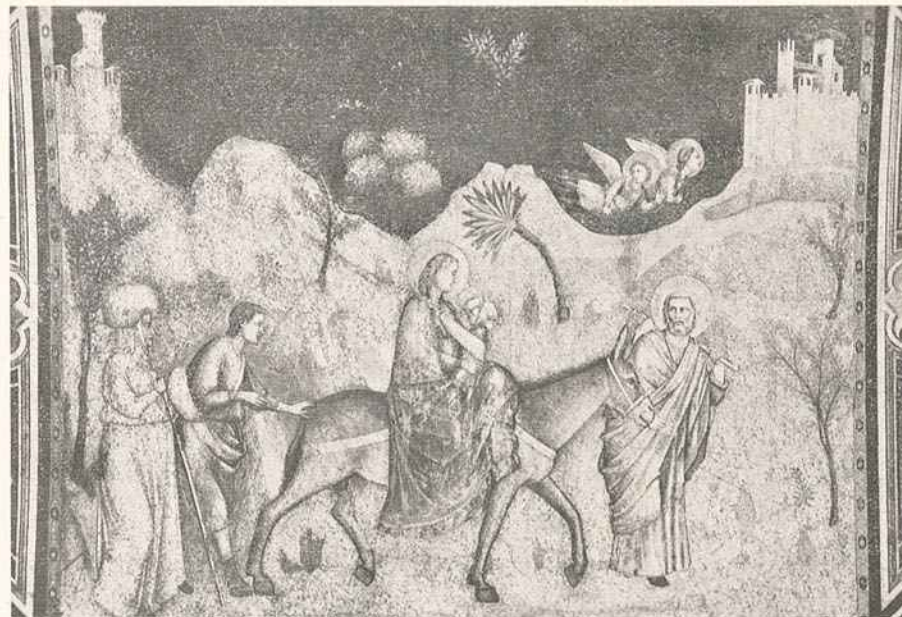
E' que de cada toca se espera ver sair uma voz de bondade e de cada ramo um chilrear de alegria. A meditação em Assis é perigosa e de confortável contentamento. Fascina e converte. A imaginação mistura-se com as lembranças do Meigo Penitente e com a verdade que este por lá deixou, cobrindo tudo como uma bênção ou uma patina, tornando arriscada a vida de quem, isolado, se dá ao gôzo de sonhar bemaventuranças fraternais, de labor e de humildade. De cada pedra, soleira de porta, degrau de escada, ruína de igreja ou borda de tanque, surge-nos a figura humana do mais cristão Poeta do mundo, magro e descalço, belo e de

corda à cinta, com musicalidades na voz, fazendo pregações de amor e de paz, falando aos passarinhos, às águas, às árvores, e chamando irmão a todo o ser rasteiro, alado ou felino, e até aos próprios elementos, cantando sempre a sua amada Pobreza, a paixão por Jesus e o perdão dos homens!

E' arriscada a demora em Assis aos espíritos dados à contemplação e às desilusões da existência comum. O grande exemplo e a música das almas por ali esquecidas a mendigar e a rezar, assim como converteram Pedro dei Cattani e Bernardo de Quintavalle, jurista um e opulento o outro, são bem capazes de transformar todos os lobos maus, quanto mais os fracos e bons que tiveram a força de voltar costas aos luxos e às ambições. Assis atrai e é doloroso fugir-se-lhe. Os enredados de ideal, como eu, ainda que magoados pela injustiça dos semelhantes, tomam a custo, a coragem nas mãos, e afastam-se cheios de tentações e já saídos, pela estrada que a liga Assis a Perúgia, voltando às labaredas do desterro no Sonho, à descrença dentro da Verdade, à renúncia pela Independência. Um dia virá, fatalmente muito tarde, que desfeitos os anos na tristeza do combate e na dor da desesperança, chorarão o remorso de terem abandonado a alegria daquelas vozes, daquelas cantigas resignadas, místicas e líricas ao mesmo tempo, das pedras, das flores e dos sinos de Assis. Mas como a vida é tecida de ilusões e de quebras, e portanto, angustiosa de arrependimentos, resta à cobardia ou à força, que os origina, a resignada certeza, para penetrar na morte, de que todos os pecados e tôdas as virtudes, obra de Deus igualmente, sofridas por amor a qualquer ideal, se causarem um remorso ou uma ruína, foi *por bem*.

A Úmbria é extensa e deslumbrante. Foligno, com a sua beneditina abadia de Sassovivo, a sua Sé e o seu Palazzo Trinci, repleto de frescos, é atraente; Spoleto e Trevi, cantados por Byron, são encantadores rincões de paisagem e de arte, pitorescos e ricos de lembranças pre-históricas; Montefalco é um museu de Tibério de Assis, de Mélanzio e sobretudo de Gózzoli, o mago que ali atrai os artistas; e por último Orvieto, assente em monte maravilhoso de efeitos medievais, com a sua catedral semelhante à de Siena, pejada de obras-primas de Signorelli, miguelangesco nas composições, do Beato Angélico, Gentile da Fabriano, de Lippo Mémmi, Pietro di Púccio e de Ugolino de Ilário, arrasa os pobres peregrinos da beleza com os seus palácios dos Papas e do Capitão do Povo, não falando nos apocalípticos baixos-relevos pisanos da fachada da Sé e da imaginária famosa dos seus nichos, onde, segundo a tradição, trabalharam 150 escultores.

Depois da Toscana, a Úmbria é a perdição dos vagamundos.



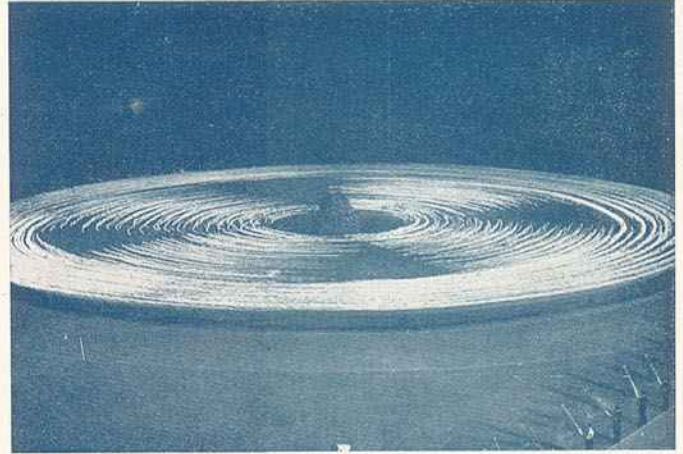
A fuga para o Egito, por Giotto

DIOGO DE MACEDO

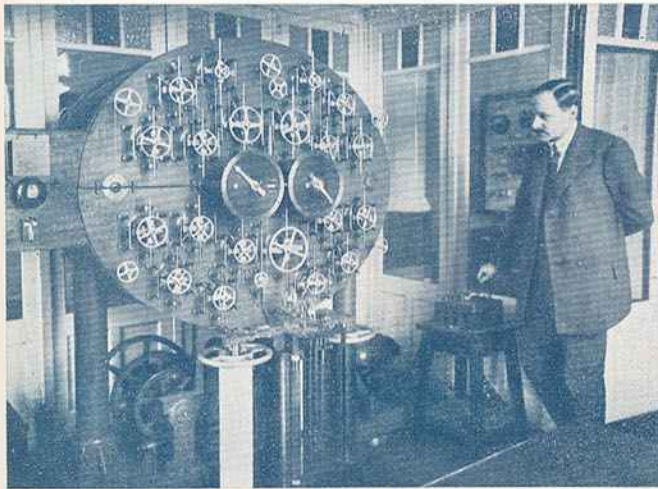
# INVENÇÕES E INICIATIVAS ALEMÃS



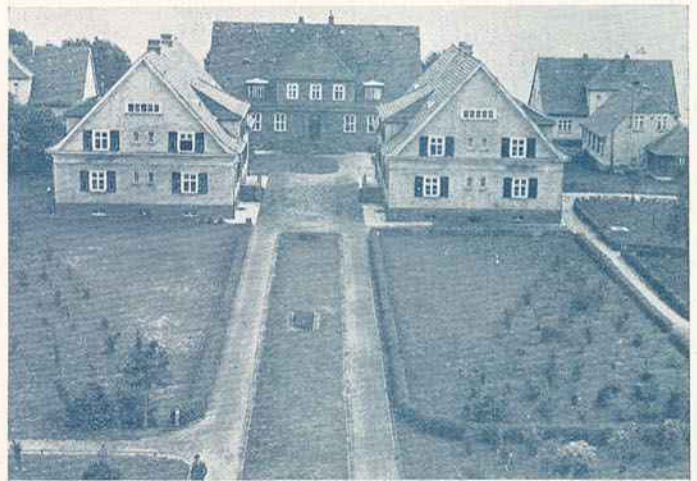
Em Breslau foram instalados altos falantes que habilitam a população desta cidade a tomar parte em todos os factos notáveis que interessam à Nação. Este melhoramento estender-se-á a todas as cidades alemãs



Na festa do solstício no Estadio Olímpico de Berlim viu-se esta ardente roda solar formada por 2.500 portadores de tochas com o montão de lenha no meio, produzindo como se vê, o mais belo efeito



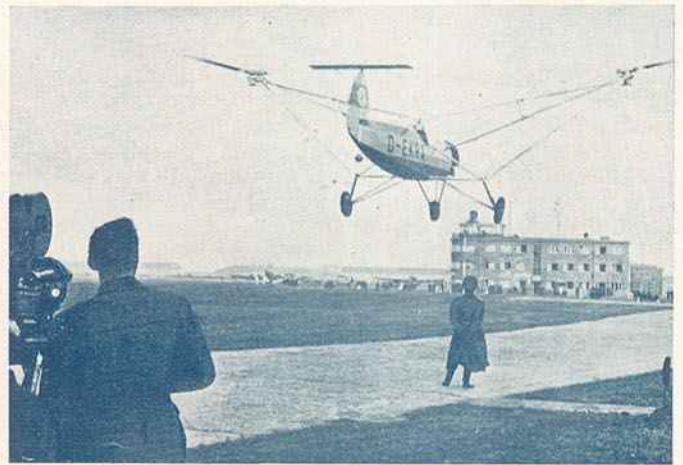
O contador mecânico para preamar e baixa-mar que calcula, por minuto e centímetros, os momentos mais importantes de fluxo e refluxo para 900 postos marítimos. Encontra-se no observatório de Hamburgo



O Instituto de Investigação na ilha de Riems que está expandindo o invento contra a alta no gado. O efeito profilático realiza-se em dez dias, chegando o gado vacum a ficar imune por quatro meses



Hitler colocando a primeira pedra para a construção da «Casa do Turismo Alemão», iniciando-se assim a transformação arquitectónica da cidade de Berlim, segundo o plano do Professor Speer



Um auto-giro efectuou um voo desde Bremen a Berlim — 230 quilómetros — que constituiu um *record*. A gravura acima mostra o engenhoso aparelho elevando-se no ar para começar o voo



O Grupo do Sporting Clube de Portugal, transfante no campeonato nacional de football

# A QUINZENA DESPORTIVA

ponto por derrota e meio ponto por empate) é superior à de Portugal, com excepção da Húngria, Inglaterra e Polónia.

Não quer isto dizer que sejamos melhores do que todos os outros, mas simplesmente que o nosso comportamento perante adversários de categoria foi de natureza a honrar as tradições do desporto nacional e a reconquistar um aprêço perdido por largo período de isolamento.

Aproveitando o benefício dos dois meses de repouso benévolo, os jogadores portugueses ofereceram-nos para a época próxima a garantia de confirmação do valor esta época revelado; fechamos a porta ao ano "futebolístico" com a lisonjeira impressão de apreciável lucro na gerência, cujos juros serão cobráveis pelo tempo adiante.

Dois anos volvidos sobre a data da sua única derrota, o pugilista negro americano Joe Louis tirou, do vencedor de então, implacável desforra.

Ficou célebre, e portanto inesquecida, a forma inesperada como, em 1936, o alemão Max Schmeling bateu decisivamente o negro, pondo-o fora de combate em meia dúzia de assaltos; o triunfo alcançado pelo alemão, conferindo-lhe o título de campeão mundial pouco tempo

lhe aproveitou porque foi logo balido no combate seguinte e, de mãos em mãos, o trofeu glorioso veio parar à posse de Louis de forma que, agora, ao travar de nova luta, se verificava a situação paradoxal de ser campeão o vencido de outrora e simples pretendente o homem que o batera.

Afinal, a decisão confirmou a posição relativa dos dois pugilistas, e Louis não precisou de mais do que 2 minutos e 4 segundos para deixar estendido no solo pela conta fatal o desditoso Schmeling. Ao combate, realizado no Yankee Stadium de Nova York, assistiram 72.000 espectadores e a receita ascendeu a 900.000 dólares, a bagatela de vinte mil contos, em números redondos; como o vencedor recebia quarenta por cento do rendimento bruto, o negro americano embolsou à razão de 63 contos por segundo de combate, verba que deve constituir máximo na história do desporto profissional.

As características deste encontro foram fundamentalmente diversas do de 1936; Joe Louis entrou logo em rápida ofensiva, encarnçando-se sobre o adversário que sucumbiu ante a verdadeira avalanche de sócos, caindo uma primeira vez. Aos dois segundos o alemão levantou-se para retomar a luta, mas quasi de se-

guida recebeu novo golpe que o fez cair outra vez, ficando em terra durante cinco segundos; ergue-se por um esforço de vontade, obedecendo mais ao instinto reflexo do que ao mando da consciência e, momentos depois, um directo ao queixo fá-lo tombar inerte. Era o fim.

No dia seguinte ao encontro, Schmeling recolheu ao hospital, mostrando a radiografia que sofrera fratura da terceira vértebra lombar; à volta do incidente surgiu polémica, aventando-se a possibilidade de sóco irregular, mas como ninguém viu antes de firmado o diagnóstico, parece mais provável que a lesão haja resultado da violência do choque contra o sobrado, numa das quedas.

Nos comentários da imprensa, cujos enviados assistiram à pugna, transparece a impressão da forma violenta como Louis se lançou ao ataque, parecendo animado por sentimento de implacável ódio contra o adversário, esquecendo preceitos de lática ou técnica para apenas bater, bater com fúria e fazer pagar cara a ousadia do único homem que o fizera ir ao chão entre as cordas dum estrado.

O segundo período das competições de atletismo, reservado às provas de júniores, foi consideravelmente superior ao primeiro e, tanto nos regionais como nos nacionais, não deu motivo a que sejam repetidos às críticas registadas na crónica da quinzena precedente.

As entidades organizadoras procura-



O popular footballista Espírito Santo, bateu o máximo português do salto em altura, transpôs 1,825

**D**URANTE dois meses vai ficar paralisada por completo no país a actividade do futebol, cuja última manifestação da temporada foi o jogo final do campeonato máximo, disputado no Estádio do Lumiar entre os dois clubes mais populares e mais importantes do nosso meio desportivo.

O acontecimento teve foros de sensacional, mas passaram já sobre ele número de dias suficientes para que não possa considerar-se facto de actualidade nem mereçam interesse largos comentários a seu respeito. Pelo hábito de registar nas nossas crónicas tudo quanto mereça realce na vida desportiva nacional, não podemos, contudo, omitir citação que aproveitaremos para analisar no conjunto a época do futebol português.

O encontro Sporting-Benfica em luta decisiva para o título, o segundo na história do campeonato nacional, decidiu-se a favor do primeiro que assim desforrou o desaire sofrido na outra final contra idêntico adversário, em 1935.

Ganhando este jogo por 3-1, o Sporting Clube de Portugal obteve a sua 53.ª vitória sobre o Sport Lisboa e Benfica em 123 encontros dos quais 47 foram favoráveis ao rival e 23 concluíram em igualdade de marcação; ao cabo de 31 anos de competição ininterrupta, os dois clubes lisboetas de maior historial desportivo, os ídolos da população frequentadora dos campos de bola, prosseguem lado a lado em busca da vantagem que nenhum conseguiu ainda alcançar de maneira significativa. É curioso verificar que ao cabo de 123 jogos espalhados desde 1 de Dezembro de 1907 a 26 de Junho de 1938, a diferença de resultados seja favorável aos "leões" apenas por 6 vitórias e 9 bolas (211-202); rivalidade cerrada que se pode alargar aos terrenos da competição indirecta pois também se encontra nas listas de vencedores dos torneios oficiais, onde figura o Benfica com 9 vezes campeão de Lisboa e 3 vezes campeão de Portugal, póstos que o Sporting conquistou, respectivamente, 12 e 4 vezes.

Só no torneio da Liga, o Benfica leva a melhor, pois ganhou três vezes seguidas a prova que o Sporting nunca conseguiu trazer na bagagem.

Na época de 1937-1938 pode afirmar-

-se com propriedade que campeão de Portugal foi, de facto, o campeão da temporada.

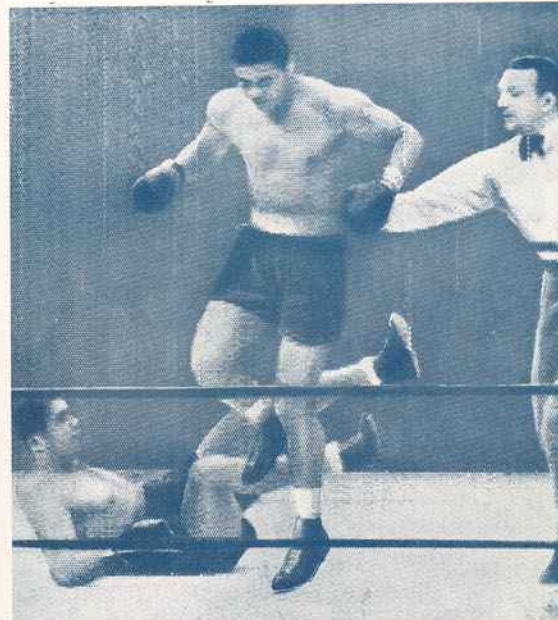
Antes de ganhar aos "encarnados", a final do torneio, o grupo sportinguista disputara, desde 12 de Setembro do ano passado 38 jogos, dos quais venceu 32, empatou em 3 e perdeu outras três, marcando 175 bolas contra 56 apenas que sofreu; sete dos seus jogadores foram seleccionados para a equipa nacional e o avançado-centro, Fernando Peyrotêo, um estreaute no futebol metropolitano afirmou-se realizador formidável obtendo para o seu clube 71 pontos, sendo 34 no campeonato da Liga, números êstes que representam "records", individuais.

A característica mais animadora do ano encontramos-na, porém, na intensificação da nossa actividade internacional e no excelente comportamento do grupo representativo que nos trouxe três vitórias, um empate e uma derrota gloriosa, mais prestigiante no conceito da crítica estrangeira do que alguns êxitos demasiados expressivos para serem considerados normais.

Estes resultados classificam-nos entre as nações que melhor média conseguiram no conjunto da sua época internacional; dos 29 países que tomaram parte nos 80 encontros internacionais disputados na Europa desde Julho do ano passado, só dois, a Itália e a Escóssia, conseguiram não ser batidos, concedendo apenas dois e um empate, respectivamente, e entre os restantes a percentagem de pontos perdidos (contando um



Na final do campeonato de football, ganha pelo Sporting, os seus avançados nunca concederam tréguas à defesa benfiquista



A primeira fotografia do derrote de Schmeling no seu combate contra Joe Louis, transmitida pela rádio, mostra a fase decisiva do maior drama desportivo do ano

ram remediar os êrros antes verificados, consequência de excesso de tolerância, e os campeonatos decorreram com muito maior regularidade, dando já aos espectadores a impressão agradável de provas disciplinadas. Infelizmente, para não perder o hábito da censura, existe ainda em parte destes espectadores uma mentalidade incível que mostra o esforço ainda necessário para generalizar a educação desportiva cuja primeira base é o respeito pelo adversário e pelo trabalho dos que aceitam a ingrata tarefa de dirigir.

Há certas colectividades que se especializaram na mania da perseguição e para cujos partidários a derrota dos seus representantes é sempre uma injustiça provocada pelo parcialismo dos dirigentes das provas; o costume intolerável de insultar o árbitro transitou dos campos de foot-ball para as pistas de atletismo, levado pelo público e pelos chefes orientadores de agremiações viciadas pela bola e que agora transitaram com êsses vícios para um desporto diverso e que sempre viveu em atmosfera de moderação e civilidade.

Toda a energia que se empregue para reprimir os abusos desses discóloos inconscientes ou dos seus incitadores espertalhões, é aplaudível; aos primeiros opõe-se-lhe a polícia, zeladora dos bons costumes, e aos segundos aplica-se cura radical escorraçando-os do terreno que só deve ser pisado por pessoas desportistas de espírito e de corpo.

Encerremos, porém, a crónica, com referência menos amarga; no Estádio do Lumiar, no dia 3 de julho, foi enfim ultrapassado um máximo nacional que durou 23 anos, o de salto em altura.

Foi um especialista do foot-ball, dotado de excepcionais qualidades naturais que efectuou a proeza: o avançado centro do Benfica, Guilherme Espírito Santo, transpôs 1,825 em estilo rudimentar, quasi sem preparação, o que permite afirmar, que, devidamente orientado, poderá obter resultado de grande categoria internacional.

SALAZAR CARREIRA.

UM escritor discutia com um político sobre assuntos literários, sendo as conclusões do político muito pouco satisfatórias.

O escritor então diz-lhe:

— Olhe meu amigo, trate lá dos seus trabalhos eleitorais e intrigantes, deixe-se destas discussões porque você nem sequer escreveu uma linha...

— Que tal está o figurão! — exclama o político. — Também você nunca pôz nenhum ôvo e naturalmente sabe melhor apreciar uma "omelete", do que uma galinha!...

*Galanteio sincero:*

Chega-se um negociante de gado suino a uma porta e pergunta para dentro:

— E' aqui que mora o "sôr" Anaceto, que tem uns porcos para vender?

Salta de lá uma rapariga dos seus dezanove anos, muito interessante, que lhe responde amavelmente:

— Sim, senhor, é meu pai!

O negociante fica extasiado perante a beleza da moçoila, e exclama:

— Se os porcos fôrem parecidos consigo, devem ser uns lindos bichos e valem mais cinco escudos cada arrôba!...

Numa rua estava um cego a pedir esmola.

De repente, ouve-se muita gente a gritar que fugissem, porque andavam dois toiros tresmalhados.

O pobre cego pedía em altos gritos, por caridade, que o metessem numa escada. E neste momento recebe uma tremenda marrada dum dêles que o atirou para dentro duma escada que tinha a porta aberta por trás dêle.

— Obrigade, meu caro senhor, mil vezes obrigado pelo seu favor! Mas escusava de ser com tanta fôrça!

Um médico auscultando um cliente:

— O senhor não está melhor porque tem abusado das comidas. Isto assim não pode continuar e o regime tem de entrar nos eixos! Hoje vai alimentar-se com qualquer coisa ligeira e amanhã cá voltarei para se ver a diferença.

No dia seguinte, o médico encontra o doente piór e pergunta-lhe:

— Fez o que eu lhe disse ontem?

— Sim, senhor doutor, comi a coisa mais ligeira que podia ser: foi uma lebre!...

Numa rua estreita segue um individuo a cavalo. Um sujeito que se aproxima pergunta ao cavaleiro:

— Posso passar sem receio?

— Não há novidade, pode passar. O cavalo é muito manso!

Nesta altura o cavalo atira o cavaleiro ao chão e ferra-lhe um coice.

— Não está má a sua garantia! — grita-lhe o outro de longe.

— Pois creia que é a primeira vez que o cavalo se engana! — replica-lhe o ca-



valeiro — Isto costuma ser sempre para os outros!

— Que está você aí a fazer, estatelado no chão? Levante-se já!

— Ó sr. guarda, não posso, porque estou com um grande ataque de "gota"!

— Você está, mas é com a pinga!...

— Há-de ser isso, mas cá para mim, "gota" ou "pinga" são sinónimos.

Numa livraria da Baixa.

Entra um campónio e pergunta a um empregado se vende livros.

— Está claro que sim, isto não está aqui para meter vista!

— Então venda-me um livro de papel "zig-zag". E se não tiver dessa marca, pode vir um de alcatrão!

Numa estação do caminho de ferro, um passageiro indignado:

— Isto chega a parecer impossível!...

Os comboios chegam sempre atrasados! Farta-se aqui um sujeito de esperar, a perder o seu tempo!

O chefe da estação responde:

— Essa agora, tem muita graça! Se os combóios chegassem sempre á tabela, para que serviriam então as salas de espera?...

Um parlapatão a presumir:

— Imagine meu amigo, o que na Serra da Estrela, há uns quinze dias me aconteceu:

Fomos a uma caçada, eu afasto-me do grupo por um motivo vulgar, e nesta altura aparece-me um lôbo...

— Já sei, já ante-ontem me relatou isso!...

— Não pode ser! Pois se me contaram isto ainda há bocado!...

O marido. — Estou um pouco neurasténico! Tenho de ler qualquer coisa que me excite os nervos! O que há-de ser?

A esposa. — Vou num pulo buscar as contas do sapateiro e da modista e verás como isso te passa já...

O ensaiador teatral:

— Parece-me melhor que o personagem se mate com um tiro, de que por meio de veneno...

O auctor da peça pergunta admirado:

— Porque é que o senhor diz isso?

O ensaiador responde-lhe:

— Como o suicídio se dá no fim do último acto, o tiro faz barulho e será a maneira mais fácil de acordar os espectadores, para se irem embora!...



— A minha divisa, minha senhora, tem sido sempre «mãos limpas e consciência sem mancha»...  
— E' pena, meu caro senhor, que o seu colarinho esteja tão enxovalhado!...

# VIDA ELEGANTE

## Festas de caridade

No São Luís-CINE

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.<sup>a</sup> D. Adelina Machado Fernandes Santos, foi levada a efeito no São Luís-Cine, na noite de 28 de Junho, passado, uma récita de caridade por distintos amadores, pertencentes também à nossa melhor sociedade, cujo produto se destina a favor da Assistência Paroquial, aos doentes pobres da freguezia de Santos-o-Velho.

Constou o programa da récita que era dividido em quatro partes, de vários bailados por crianças, ensaiados pela distinta bailarina Ruth Asvin, entre os quais são dignos de nota especial os mais pequenos dançarinos da troupe, as meninas Ana Maria Martins e Maria Verdiana Malta Emauz e o menino João António Martins, que compunham a primeira parte.

A segunda e terceira, foi constituída pela representação da opereta em dois actos «Desfolhada», original da brilhante escritora e distinta advogada sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> D. Maria Candida Parreira, com música adequada, à qual os distintos amadores deram grande realce, sobre tudo as senhoras D. Cecília Maria de Castro Pereira de Carvalho e D. Maria Tereza Emauz, dois temperamentos diversos, que tinham a seu cargo os dois principais papeis femininos, aos quais imprimiram extraordinário relêvo, tanto cantando como representando.

A última parte constou de um acto de «music-hall», em que se destacaram a sr.<sup>a</sup> D. Julieta de Castro Ferreira, em vários «foros», que confirmou mais uma vez o êxito que já o ano passado tinha obtido, e D. Manuel Portugal, que deliciou a selecta assistência, cantando com muita arte e sentimento, vários «tangos», os restantes números desse acto, foram constituídos por vários bailados, entre os quais se destacou uma «valsa» dançada por onze pares, com muita graciosidade e elegância.

Nesse acto as apresentações foram feitas pelo sr. dr. José Duarte Figueira (Figueirinhas), que também interteve o público, contando anécdotas, que causaram franca hilaridade.

A comissão organizadora deve de certo ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

## JANTAR À PORTUGUESA

A favor da Assistência Social do 7.º Batalhão da Legião Portuguesa, realizou-se na noite de domingo 3 do corrente, no salão do «Retiro da Severa», uma festa de Caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade sob a presidência da sr.<sup>a</sup> condessa da Fóz, e da qual faziam parte D. Adelaide Bramão, D. Beatriz Figueira Freire da Costa Veiga, D. Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Celeste de Lis Teixeira de Mendonça, condessa de Aveliz, condessa de Cabral, condessa d'Eltz Saldanha da Gama, D. Eugénia Soares de Oliveira, D. Francisca Saldanha (Almoster), D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Josefina Morales de los Rios Frois, D. Luíza da Costa Cabral de Macêdo, D. Maria Adelaide Soares Cardoso Cruz, D. Maria Ana Barros Lamas, D. Maria do Carmo da Câmara de Castelo Branco, D. Maria Madalena Simões Alves, D. Maria Pollen de Campos Andrade, e D. Mécia de Sttau Monteiro Ferreira da Silva.

Constou a festa do «jantar à portuguesa», servido por um gracioso grupo de senhoras pertencentes à nossa primeira sociedade, seguido de baile, que foi abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band» que se fez ouvir num belo reportório de músicas modernas, exibindo-se nos intervalos de cada dança, em vários números do seu vasto reportório, o aplaudido grupo folclórico de Vila Franca de Xira, que se fez acompanhar da sua orquestra típica, sendo freneticamente aplaudida pela selecta assistência que enchia por completo o vasto salão do «Retiro da Severa» que nessa noite viveu alguns momentos que dificilmente se apagarão da me-

mória de todos aqueles que tiveram a felicidade de a êles assistir.

A comissão organizadora, está extremamente grata, não só com o gerente da casa sr. José Jorge Alves Soriano, que foi inexcelível de amabilidade, para com a comissão, pelas facilidades que lhes dispensou.

Festa com esta, honram sobre maneira quem as organiza, pois, juntam o útil ao agradável.

## No CASINO ESTORIL.

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de sábado, 2 do corrente, no salão do restaurante do Casino Estoril, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, composta das seguintes senhoras: D. Antónia da Cunha Franco, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Clotilde Ferreira do Amaral de Figueiredo, condessa de Almoster, condessa de Murça, condessa de Peniche, condessa de Vil'Alva, duquesa de Palmela, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Eugénia Maria Perestrelo de Mozer, D. Judite Maia de Carvalho, D. Maria do Carmo de Figueiredo, D. Maria Herminia Craveiro Lopes de Oliveira, e D. Maria Luíza Corrêa de Sampaio Posser de Andrade, que constou de concerto de música sacra e profana, executada pelo brilhante professor do Conservatório Nacional de Música, sr. Rosa de Carvalho, no órgão e pelo orfeão do Asilo de Santo António do Estoril, sucursal das Oficinas de S. José de Lisboa, a favor de quem revertia o produto da festa, sob a direcção do sr. dr. José M. Alves.

Todos os números do sensacional programa tanto os de música sacra, como de música profana, foram delirantemente aplaudidos, tendo o distinto professor sr. Rosa de Carvalho, mais uma vez confirmado o êxito que obtivera no Eden-Teatro, num concerto que ali levava a efeito, bem o sr. dr. José M. Alves, que dirigiu com toda a proficiência o orfeão do Asilo.

## Casamentos

Em Niza, celebrou-se na paroquial do Espírito Santo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Miguens Vieira, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Laura Miguens Vieira e do sr. José Diniz da Graça Vieira, com o sr. dr. António Barata Galhardino Graça, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Barata Galhardino Graça e do sr. dr. Luís Galhardino Graça, já falecido, tendo servido de madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta Mascarenhas Vieira e a mãe da noiva e de padrinhos os srs. dr. José Caldeira Miguens e o engenheiro Manuel Barata Galhardino Graça, presidindo ao acto o reverendo Sebastião Martins Alves, com no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência do pai da noiva, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram fixar residência.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, com a maior intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Julieta Velhinho Pereira, com o distinto alferes sr. José Manuel de Souza e Faro Nobre de Carvalho, filho da sr.<sup>a</sup> D. Júlia de Souza e Faro Nobre de Carvalho, já falecida e do sr. José Nobre de Carvalho, tendo servido de padrinhos da noiva o sr. Ferreira Canelas e sua esposa, e do noivo sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Maria Luíza de Souza e Faro de Menezes, e seu tio o sr. conde de Souza e Faro.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos que seguiram para Nova-Gôa, Índia Portuguesa, onde foram fixar residência, grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Acácio Victor, distinto delegado do Procurador da República, na comarca de Vimioso, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Tereza Bartolo Ferreira, viúva do saudoso Desembargador da Relação, sr. dr. Acácio Jaime Ferreira, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Leopoldina de Miranda de Menezes Cordeiro, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Emília Vergueiro de Sá Miranda e Cordeiro, já falecida e do sr. dr. António de Me-



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Miguens Vieira com o sr. dr. António Barata Galhardino Graça realizado em Niza. (Foto Alvaro Campião)

nezes Cordeiro, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

— Para seu filho Armando, distinto alferes aviador, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Ester Frago de Sacadura Falcão, viúva do sr. dr. Armando de Sacadura Falcão, a sr.<sup>a</sup> D. Mariana Ponces de Carvalho de Albuquerque e Amaral, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Glória Ponces de Carvalho de Albuquerque e Amaral e do meretíssimo juiz do Supremo Tribunal de Justiça, sr. dr. Afonso de Albuquerque e Amaral, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Foi pedida em casamento pelo sr. Armando Pereira Magno, e sua esposa, para seu filho Armando, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Irene Borges de Castro Proença Fortes, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Irene Borges de Castro Proença Fortes, já falecida, e do sr. Adolfo Proença Fortes, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Laura Cardoso de Almeida Ferreira da Silva, esposa do sr. dr. Ferreira da Silva, foi pedida em casamento para seu filho e enteado, sr. Joaquim Trigueiros de Aragão de Almeida Osório e Castro, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Angélica de Portugal Lobo de Vasconcelos Trigueiros de Aragão, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Ana de Portugal Lobo Teles de Vasconcelos Trigueiros e do sr. António Trigueiros de Aragão (Idanha-a-Nova), devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Esperança Liz Teixeira Santa Clara da Cunha, representando sua sogra, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Estrela Ribeiro da Fonseca Santa Clara da Cunha, viúva do coronel sr. Henrique Herculano da Cunha, e pelo distinto engenheiro sr. Francisco Santa Clara da Cunha, foi pedida em casamento para seu filho e irmão Mário Rafael, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Berta Vasconcelos Fernandes Sadio, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Júlia Vasconcelos Fernandes e do sr. António Joaquim Saraiva Sadio, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

## Nascimentos

— A sr.<sup>a</sup> D. Francisca de Jesus Viegas, esposa do sr. José Maria de Almeida, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão bem de saúde.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Emília Sobral, esposa do sr. dr. Luís Gago da Câmara da Cruz Sobral, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Daniel Monteiro. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. NUNO



**Imperador Hirohito** apavoradas, esmagadas entre as tenazes de salários baixíssimos e o preço sempre crescente dos géneros de alimentação, a quem é necessário acudir com meios eficazes e o mais rapidamente possível — antes que seja demasiadamente tarde. A industrialização de um país essencialmente agrícola como o Japão, arrastou consigo aqueles mesmos problemas, que embaraçaram os países ocidentais, durante todo o século passado. O fenómeno tem mais acuidade, no Japão do que no ocidente, porque aquele país de um único impeto saltou para a idade da indústria e como resultado vê-se forçado a encarar todos os problemas resultantes do seu novo estado de coisas, com uma intensidade concentrada. No Japão tudo vai ao superlativo: o capitalismo é um supercapitalismo; o patriotismo é um superpatriotismo e a indigência é igualmente uma miséria extrema. Há umas cinco famílias de uma riqueza fabulosa, que detêm o

**O** Japão encontra-se envolvido numa acção militar na China em que, por assim dizer, hora a hora, se sente mais preso. Três factores principais o empurram cada vez mais para essa acção. São três estímulos infernais e irresistíveis: uma tremenda pressão de dentro do próprio Japão; a ressurreição iminente da China e a política hoje quasi arodina da Grã-Bretanha e talvez da Rússia, rio extremo oriente.

Destes três factores o primeiro é o mais importante. Há uns milhões de criaturas

monopólio da produção industrial, o comércio, a banca e os meios de transporte. Essas cinco famílias compõem uma oligarquia de barões, que mandam na Dieta e governam o Japão. As matérias primas vinham do estrangeiro a preços baratos e por grosso; eram manufacturadas pelo operário japonês a salários muito reduzidos e vendidos para o estrangeiro novamente, ainda a baixo preço. As circunstâncias, por isso, mudaram: o Japão da actualidade tem de lutar no estrangeiro com barreiras comerciais difíceis de trans-

por, agravadas com os preços sempre crescentes da matéria prima, de forma a afectar o lucro dos produtos na dependência completa da matéria prima. Em resultado desta situação, elevou-se o preço do retalhista e portanto o índice da vida económica. Deu-se simultaneamente um aumento nas horas de trabalho, devido à produção industrial, que aumentou, especialmente nas indústrias da guerra, com o acompanhamento do preço do salário sempre na ascensão. Com o preço do salário o problema é de solução difícil, porque não é possível elevá-lo acima do nível do salário normal do trabalhador rural. Se assim acontecesse as cidades industriais ver-se-iam imediatamente invadidas por uma multidão de gente não preparada que faria falta à agricultura. É certo que ultimamente a situação do trabalhador rural melhorou, de-

*Nave numa rua nipónica*



## NO EXTREMO ORIENTE A GRAVE SITUAÇÃO ECONÓMICA JAPONESA

### De como o Sol Nascente quis evitar o seu ocaso

vido a um aumento no rendimento das sedas e outros produtos agrícolas, mas a maior parte dos benefícios colhidos são absorvidos pelos proprietários famintos. O governo por seu lado, com o fim de propiciar o camponês, diminuiu o imposto que incidia sobre aquela parte da população e aumentou a contribuição urbana. Nesta atmosfera de uma alta tensão, surgiu uma terceira polénia, que veio instalar-se entre o capital e o trabalho: o exército. Depois de ter servido de instrumento a um imperialismo industrial; depois de se ter batido a favor de um monopólio capitalista durante anos, acabou por converter-se em potência independente, que desafia direitas e esquerdas.

A manifestação do exército no mês de Fevereiro de 1936 foi muito significativa. O soldado, filho do camponês, viera de regiões rurais onde deixara a família em luta com a miséria e chegado à cidade deu de encontro com a riqueza ostentada pelos barões. A sua revolta foi, pois, uma reacção natural, sem resultados, porque não tinha a escudá-la qualquer força social importante. A família, que deixou na aldeia ou no campo, nunca havia presenciado o luxo da cidade e não tinha portanto, motivo para se revoltar contra o desconhecido, mas o incidente foi uma manifestação de um exército que se converteu em potência contra o monopólio capitalista. A ambição suprema do exército é o mando, mas para obter o mando necessita do prestígio que dá a vitória. É necessária a glória conquistada nos campos de batalha para lhe dar o prestígio e supremacia sobre as outras classes. Mas o industrial apesar de ter tudo a ganhar com a capacidade de luta da nação, não compartilha em matéria de economia política, das ideias do exército.

Assim as pretensões a predominio do exército lançaram o pânico a tal ponto que em 1936 o exodo do capital foi de tal ordem que o Japão se viu na contingência de decretar um *contrôle*, sobre divisas estrangeiras. De então para cá as circunstâncias têm-se agravado: o proletariado cidadão foi-se organizando; a indústria luta contra os mercados estrangeiros, que se retraem e a vida vai encarecendo. E é necessário encontrar meios de alimentação para um povo, que aumenta na proporção de 239 bebés nipónicos rechonchudos por cada hora. A indústria não pode produzir e exportar com a mesma celeridade com que correm os prazos para o pagamento da matéria prima. As reservas metálicas, já de si fracas, foram-se exaurindo. Para equilibrar o orçamento, o governo emitiu uma quantidade de papel superior à capacidade de compra e o papel ficou

sem o pagar? Seria um belo negócio e estava ali a China, do Norte, numa situação tentadora, separada do Japão por um mar estreito, rico em ferro, sal e algodão.

A China do Norte era um país com a sua antiga organização, com uma população densa, que poderia fornecer a matéria prima e absorver o artigo japonês. Era portanto ali que se encontraria o alívio para a situação alarmante do operariado; ao contrário da Manchúria, país essencialmente rural, a China do Norte possuía inúmeras empresas comerciais, que se prestavam para absorver o excesso do trabalho do Japão.

E o exército caminhou galhardamente para as planícies a sul da Grande Muralha. Era indispensável uma acção rápida, não só porque era necessário acudir à situação alitiva dentro do país mas também porque a China sob o comando do generalíssimo Chang Kai Chek que é hoje um dos homens de maior nomeada no extremo oriente, procedia a uma unificação rápida.

Além destas circunstâncias há a tomar nota de que a Gran-Bretanha está prestes a concluir o seu plano de defesa, que se estende desde Singapura até Hongkong, em que se gastaram milhões de libras. No extremo oriente espera-se, a cada momento, a chegada de uma esquadra britânica, para garantir os interesses britânicos, que se desenvolvem de maneira pasmosa e o Japão necessita de marcar o seu lugar perante a Gran Bretanha, com *um fait accompli*. Além dos *dead-weights* britânicos, que vão surgir nos mares da China, aparecerão os barcos de guerra dos Sovietes, em construção nos estaleiros dos Estados Unidos da América, que rivalizam com a marinha de guerra nipónica.

O momento para a acção era portanto decisivo, senão o Sol Nascente ameaçava de cair no poente. Empregaram-se as últimas reservas dos fundos nacio-

*A Grande Muralha da China*



**ADOLFO BENARUS**



*Madame Chang-Kai-Chek*



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.<sup>a</sup> ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorine; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 9

(5.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (20 pontos)

Matina, Sêvla, Infanta, Barão Y e Mirna

OUTROS DECIFRADORES

Ramon Lágrimas, Sol de Inverno, Agásio e F. J. Courelas — 20. M. A. P. M. Ti-Beado — 18. Diriso, Tarata, Visconde X e Dama Negra — 15. Larabastro — 12.

DECIFRAÇÕES

1—Elegância. 2—Finamento. 3—Lado. 4—Numeroso. 5—Rosalina. 6—Mo(r)da. 7—Eoo. 8—Gentil-homem. 9—Cáfila. 10—Siso. 11—Traspasso. 12—Vavava. 13—Verme. 14—Vehacada. 15—Vergasta. 16—Ve(x)ilo. 17—Ba(lo)te. 18—A(ra)me. 19—Pro(ce)sa. 20—bar(ga)do. 21—Ma(t)ilha. 22—A(ba)te. 23—Antes quero burro que me leve que cavalo que me derrube.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) O meu olhar é triste... descontente! Já não tem o fulgor de ser humano; Foi, para mim, quimera, puro engano, — 1-2-5-4. Foi chama que expirou indiferente.

O meu olhar é triste... já não sente — 3-4-3-4. O lenitivo dum sorriso lhano... É a tristeza que o invade num arcano É *mdgua* indicifrável, compungente... — 1-2-3-4.

Ditosos dias meus, quando em criança Embalado nos sonhos de ventura Me julguei inda à beira da esperança. — 2-5-5-2.

Mas, ai! tudo foi sol de pouca dura! Demente signó meu... (senão vingança...) *Sofier* eternamente esta amargura.

Lisboa

(A *Rocambole*)

Fero

2) Infelizmente Há certa gente... Certas meninas Das mais ladinas Que pretendem casar, mas não ter Chamando-lhes tropêços... empe- [filhos... cilhos]

Desnecessários... Duros fadários! Eis por este facto o *motivo* — 1 Porque o censo é diminutivo!... Só querem liberdade, Viver sempre à vontade, Bem passeadas... Melhor tratadas, Não faltando jóias e vestidos caros, Boas peles e outros adereços raros. Para aquelas que pensam assim Nunca existe o mais leve *quindim*! — 1 Porém, ai pobre do marido Que sem qualquer culpa é punido Por uma dessas tais cabeças no ar!... Val'mais desapa'cer, ir-se afogar... Pois de contrário É necessário

Lisboa

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 18

Ter paciência dessa tal Que só a dum santo é igual! É se, acaso, não há nenhuma *intriga* — 1 Bem vai a coisa... bem vai a cantiga!... Tudo vai prosseguindo De aspecto feio ou lindo. O diacho é se alguém mete a colher, Como se diz, entre o marido e a mulher! É caso p'ra endoidecer E o amor à vida perder Desprezando êsses tristes preconceitos Que a sociedade julga sem defeitos, No seu pensar tresloucado Fementido e limitado.

Lisboa

Infante

3) Era bela a aguardente, Um primor... bebida logo, Transformou-me de repente As tripas tôdas em *fogo*! — 2

— Não me *morda* na barriga, — 2 Dizia eu à danada... Mas que cachaça, que espiga, Oh que *pinga* endiabrada!

Lisboa

Rês Kassa

ENIGMAS

(Ao amigo «Ordisi»)

4) No meio da terra nú o Pai Adão apar'ceu Deus o fez de barro cru e na terra assim viveu

Comendo o fruto proibido sem saber, Adão pecou; logo Deus enfurecido sem amor o castigou.

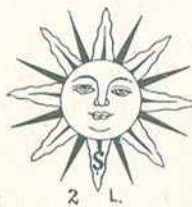
Lisboa

Mirones (L. A. C.)

5) Confrade, se é matemático, homem de grande saber, ad'vinho, com rapidez, o que aqui lhe vou dizer:

O princípio é princípio, veja lá, que doação... depois... sómente lhe digo, que sofre do coração.

22) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Matina

Por isso tire-lhe de lá, a sua cruel desgraça, pois não custa mesmo nada, e muito pouco vos maça.

Posto isso, colocar, onde mais lhe aprouver, um certíssimo e novo âmago. Isto, se o senhor, quizer...

E, pronto... já 'stou cansado... até me sinto mui mal, contudo, adeus, vou p'ra uma, *folgança do carnaval*.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

6) Se uma letra for ligada, Mas que seja consante — A' medida, eis a meada Descoberta num instante.

Não precisa de conceito Para achar a solução. Mas como dá-lo é preceito... — Tem a forma dum *canhão*.

Leiria

*Magnate (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

7) Sob o sol que *queima*, mas *escorado* pela fé, morre o escravo *oprimido do trabalho rude e sem descango*. 2-3.

Lisboa

*Stulno (T. E.)*

8) O «homem» estava com o *sacho de mondar* a ouvir o *padre*. 1-2.

Coimbra-Olivais

*John Biffe*

9) A tua *presença* aqui dá-me vontade de atirar com este *bispote* e ainda por cima com a *madeira da Índia*. 2-2.

Luanda

*Dr. Sicasear (L. A. C.)*

10) Esta *formosa* mulher é *possuidora* desta *planta medicinal*. 2-2.

Lisboa

*Sholmus Herboek*

11) O *cacete* serve-me para transpor este *rio português*, apesar de *vagaroso*. 1-2.

Lisboa

*José de Azevedo e Silva*

12) É ser *violento* dizer mal de «Lisboa» só porque nela se praticam actos de notável *bravura*. 1-2.

Lisboa

*Néné*

13) Lá por uma pessoa não ser *erudita* não quer dizer que seja *ignorante*. 1-2.

Coimbra

*John Biffe*

14) *Amor* de mãe!... *Amor* sem rival! *Amor* do mais puro! 1-2.

Vila de Rei

*Dóris I*

SINCOPADAS

15) *Ora!* Estás na horta e nem as couves *vês!* 3-2.

Albergaria-a-Velha

*Olegna*

16) Aos ilustres confrades envio um *amplexo* com *fôrça*. 3-2.

Luanda

*Ti-Beado*

17) O pão que *fermentou* deixou o padeiro muito *contente*. — 3-2.

Lisboa

*Ramon Lágrimas*

18) É *antigo* o *direito de recusar uma lei votada pelo parlamento*. — 3-2.

Lisboa

*Altê Hoje*

19) *Por acaso* era uma *história* sem importância. — 3-2.

Lisboa

*Al. Sousa*

20) É com *linura* que se pode arrecadar as *fólias secas dos alhos*. — 3-2.

Luanda

*Ti-Beado*

21) *Vou ver* se o *alimento* é bom. 3-2.

Vila de Rei

*Dóris I*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: *Isidro António Gayo*, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

# NOTÍCIAS

---

DA

---

# QUINZENA

---

Festejando o 6.º aniversário da investidura do sr. dr. Oliveira Salazar na Presidência do Conselho realizou-se uma sessão solene no Teatro da Trindade que foi vibrante de entusiasmo e de fé patriótica. A' direita: o sr. ministro da Justiça presidindo à sessão.—Em baixo: trechos da assistência



Em Alverca foi inaugurada a Escola de Aviação Civil «Salazar» com a assistência das entidades oficiais. A gravura acima apresenta o sr. capitão Humberto da Cruz com os instrutores e alunos da Escola



#### A MODA DO LENÇO À ALDEIA

UMA surpresa provocada por uma grande novidade: o lenço pôsto na cabeça à aldeã, que está agora em moda como complemento da toilette feminina para o desporto.

Não lhes parece interessante, minhas senhoras? Já lá vai o tempo das longas écharpes de gaze que as loiras misses, nem sempre risonhas, exibiam nos seus longos passeios de automóveis primitivos. Envol-



viam rosto, pescoço, chapéu, e tudo, dando a impressão de múmias faraônicas e sem a graça do véu usado pelas mulheres moiriscas.

Tudo passou — e ainda bem. Hoje tudo se consegue com singeleza e encanto.

O lenço posto na cabeça à aldeã! Assim, qualquer senhora poderá conduzir o seu automóvel, mesmo com o pare-brise baixado, sem que o seu penteado se desmanche.

É nesta altura que a Moda surge a operar prodígios com a sua varinha de condão, apresentando lindos lenços em boa sêta, com os mais originais desenhos e com as cores mais garridas.

Desta maneira, uma senhora, mantendo a linha de autêntica sportswoman, poderá escolher o costume da provincia portuguesa que mais lhe agrade, e sempre no mais absoluto rigor da moda.

Ninguém virá dizer que não soube interpretar por motivo do complicado desta criação. Mais singela, mais simples e mais compreensível não poderia ser.

A propósito, citaremos o exemplo de uma senhora que aprendeu a andar de bicicleta, num esforço de algumas horas, — durante uma única lição.

Ao primeiro trambulhão, raziocinou desta maneira: — Pois se qualquer aldeão obtuso anda de bicicleta, porque não hei-de eu andar também?

E, com mais duas voltas e três trambulhões, acabou por alcançar o domínio do equilíbrio, podendo dizer-se que hoje é um gôsto vê-la passar vertiginosamente, negando a lei da gravidade estabelecida por Newton e outros que nunca souberam compreender as delícias e os desaires do ciclismo.

Ora, o nosso propósito visa apenas mostrar a singeleza da moda do lenço pôsto na cabeça à aldeã, visto que qualquer rapariga da aldeia o usa sem dar por isso.

Está, portanto, ao alcance de todos. Na sua simplicidade original é que reside todo o seu encanto.

#### A GRANDE ESTAÇÃO

A maior novidade desta estação são os tecidos com riscas que dão lindíssimos aspectos, quer em vestidos ligeiros, quer nos de grande toilette.

Os tecidos de pintas, que tão grande furor fizeram na Primavera, banalizaram-se de tal sorte; que pode dizer-se terem perdido todo o seu encanto.

Escusado será lembrar que aos actuaes tecidos de riscas virá a suceder o mesmo. É que as senhoras, seguindo, a rigor, a disciplina da moda, transformam a primeira criação que lhes apareça num verdadeiro uniforme.

Mas se a moda é assim! Neste momento, cumpre-nos admirar êsses lindos vestidos que temos ante os nossos olhos. Constan de um longo casaco com as riscas horizontais e de uma saia plissada, de riscas verticais. Para remate, uma gravata feita de flor em organdi. Não se pode dizer que não seja de bom gôsto, e que o criador desta moda não possua excepcionais faculda-

# PÁGINA DE FEMININAS

des inventivas. Temos ainda um lindo casaco castanho com algibeiras bordadas a branco, que consideramos elegantíssimo. Para uma dessas tardes frescas — que as há em pleno verão — êste casaco é de grande utilidade e conforto, como se calcula.

E para a noite? Empregam-se lindas mousselines imprimés com flores de cores vivas, tule e organdi. E que encantadores são êstes vestidos compridos que podem servir para casino, garden-party e jantar!

O que apresentamos nestas páginas é feito de organdi branco, de saia muito rodada, corpinho muito justo e todo enfeitado a barrinhas de veludo côr de rubi. É de uma simplicidade extrema, fazendo realçar a beleza e dando um aspecto juvenil a quem o veste.

Um outro se apresenta: um ensemble feito em crêpe preto ou em azul escuro com a frente tôda em drapés e um grande ramo de flores, na cintura, prendendo, ao mesmo tempo, a jaqueta.

E a Moda continuará a desenvolver-se através do tempo e do Universo, sempre atraente e sempre original.

Muitas e muitas nos estão ainda reservadas por muito pouco que possamos viver. Ruirão impérios, a carta da Europa



podrá ser modificada mais uma vez, os grandes cataclismos mudarão a face da Terra. Tudo acabará, um dia... Tudo, não. A Moda será eterna... Pelo menos há-de dominar enquanto o Mundo fôr Mundo.

#### CUIDADO COM A MAQUILHAGEM!

LÁ porque existem toneladas e toneladas de produtos de beleza em tôda a Lisboa, não se segue que a mulher os gaste todos de uma só vez, à semelhança daquêlê enfermo que ingeriu, duma go-láda, uma garrafa de remédio que deveria tomar às colheres.

A mulher deve pintar-se, é certo, mas sem perder o seu encanto natural. Não repararam ainda no charme irresistível que uma senhora apresenta em qualquer reunião, mostrando-se maquilhada tão discretamente que não perdeu o seu encanto natural? Entre tantas senhoras excessivamente maquilhadas, essa mostra-se bela, deliciosa, atraente, porque evitou dissimular o aveludado da sua cutis com espessas camadas de rouge.

Devemos lembrar ainda outro preceito. Não devem maquilhar-se para fazer desporto. Nenhuma mulher de bom gôsto comete o êrro de aplicar rouge quando vai jogar o tennis, quando dá um passeio de bicicleta ou quando se entrega às distrações venatórias.

Há senhoras que têm tão inveterado o hábito do rouge e do noir que não poderiam suportar a ideia de mostrar a sua face ao natural.

Achamos bem que a mulher faça a sua maquilhagem para a sua vida habitual, mas aconselhamos que se abstenha de a fazer para o desporto, porque é inútil e supérflua. Reparem em que nenhum desportista apreciará a companhia de uma mulher maquilhada.

Em pleno campo, na praia ou na serra, a Natureza encarrega-se de dar à mulher o necessário encanto natural sem haver necessidade de recorrer a qualquer artifício.

E, assim, a mulher tôda entregue à sua graça própria, em contacto com a Natureza que tudo anima, terá, sem postigos, os mesmos atractivos que, em plena cidade, com todo o seu rouge posto.

Supomos que não nos levarão a mal êste conselho, tanto mais que é ditado no próprio interesse das nossas queridas leitoras, seguindo aquela célebre divisa: por bem!

#### CONSELHOS OPORTUNOS

Horror à velhice! — Ter vinte e três anos — a primavera da vida — e ter medo de envelhecer! Não tenha receio. Pois supõe que quando, um dia, tiver trinta anos, possuirá menos encanto? Estou plenamente persuadida do contrário. Nessa altura estará melhor do que nunca, e não terá saudades — acredite! — dos seus vinte

e três anos. O que é preciso fazer para que esta profecia se cumpra? Muito pouco, quasi nada: cuidar da pele. Viver o mais possível ao ar livre, a fazer desporto. É esta a melhor maneira de ficar jôvem indefinidamente. Siga êste trilhó, e não se enristeça a contar rugas imaginárias.

Desolada — Não se apoquente que tudo tem remédio. O seu acne pode curar-se mais facilmente do que imagina. Conheçemos casos de cura por meio de aplicações de Pulcrema (hermorras vivas) conjuntamente com tratamento interno de extracto ovário. É necessário ter o máximo cuidado com a alimentação: poucas carnes e nada de excitantes da epiderme, como mariscos, picantes, vinhos, etc. Em resumo: Uma vida higiênica, exercício físico, desporto moderado e uma alimentação racional de peixes, carnes brancas, e principalmente legumes e frutas.

Menina Bucha — Fazer cultura física não basta; é precis saber fazê-la. Se faz exercício físico durante vinte minutos; e com a maior actividade, evidentemente que transpira, e isso faz-lhe perder peso. Muito bem.

Mas se, após o exercício que lhe abriu o apetite, entra a comer que nem uma lóba, então não sairá nunca do círculo vicioso em que se colocou. É forçoso adoptar um regime, e assim conseguirá perder os catorze quilos que tanto a apoquentam. Não se esqueça da máscara da clara de ovo, que consiste em aplicar a



clara, no rôsto, tal qual ela sai do ovo, e conservá-la durante vinte minutos. Assim, terá o que deseja.

Arlette — Lamenta-se de não receber notícias do seu noivo que, tendo atravessado o mar, nunca mais lhe escreveu?

Não se preocupe, e deite o coração ao largo, mas não tão longe que vá parar à América onde o ingrato se encontra. Se êle a esqueceu por outra, não tem de que se queixar, pois avisou-a lealmente do que lhe viria a suceder, um dia, quando já não houvesse remédio.

Rugas aos vinte anos! — Declara ter rugas quando ainda não completou os vinte anos! Não desanime. Isso sucede algumas vezes, mas não se segue que sejam já as rugas da velhice... Quando surgem êsses casos de rugas em volta duns olhos juvenis, é uso recorrer-se a um creme próprio. Mas, antes de tudo, deve ir já a um médico especialista de olhos verificar se não será míope. Há exemplos de muitas criaturas que sofrem de miopia sem o saber, franzindo os olhos para ler ou para fixarem melhor. Ora, isto traz, como se compreende, a lassidão da pele.

#### RECEITAS CULINÁRIAS

Cogumelos no espêto — Limpam-se com o maior cuidado, cortando-se-lhes os pés em bocadinhos, e depois de passados por azeite juntam-se-lhe dois dentes de alho e miolo de pão. Junta-se em seguida a esta massa um pouco de vinho branco, indo depois ao lume.

Após serem bem lavadas, enfiam-se no espêto as cabeças dos cogumelos e assam-se nas brasas. Servem-se em seguida com o molho anteriormente preparado.

Trutas ao bleu — Tomam-se as trutas, abrem-se e lavam-se o mais rapidamente possível. Mergulham-se em seguida numa calda assim preparada: meio litro de vinho tinto, outro tanto de água, uma colher de sôpa de vinagre, um pouco de pimenta, e sal quanto basta. Deixa-se ferver cerca de dez minutos. Tiram-se as trutas da fervura e junta-se-lhe manteiga que anteriormente se derretera.

MARIA DA GLÓRIA

# PIRÂMIDE FESTA

## Triste fim dum sábio

Lamarck, o grande naturalista francês dos fins do século XVIII, que iluminou de luz viva a história da evolução, morreu cego e na miséria. O trabalho prolongado à lupa e ao microscópico foi-o, a pouco e pouco, privando da vista, até que o mergulhou na mais completa cegueira. Os dois últimos volumes «Histoire des animaux sans vertèbres» foram escritos, ditando-os ele a sua filha Rosália, que lhe consagrava a maior das devoções.

Teve Lamarck uma velhice penosa. Cego e esquecido, passou os seus últimos dias recolhido na sua humilde casa, fustigado pela miséria física e pela dor moral de ver as suas teorias filosóficas ásperamente recebidas. Morreu em extrema pobreza, não tendo sua família podido inhumar separadamente os seus despojos, que se perderam.

Os seus manuscritos, apontamentos e colecções foram vendidos ou perderam-se, escapando apenas notas de menor importância e uma dezena de cartas.

Um lavrader de Kitzlegg, no sul da Alemanha, possui uma galinha tão bem educada que só põe ovos na sala da casa do dono. Todos os esforços empregados para conseguir que os poeira na capoeira têm sido baldados.

## Bridge

(Problema)

Espadas — 8, 5, 3  
Copas — 3, 2  
Ouros — 9, 2  
Paus — 3, 2

Espadas — 7, 4      **N** Espadas — — — —  
Copas — R.      **E O** Copas — V. 10, 9, 8  
Ouros — 8, 7, 6, 5, 4      **Ouros** — R. D. V.  
Paus — A.      **S** Paus — R. D.

Espadas — 6, 2  
Copas — A. 6, 5, 4  
Ouros — A. 10, 3  
Paus — — — —

Trunfo espadas. **N** joga e faz 8 vasas.

(Solução do número anterior)

**O** joga V. c. e **N A** c.

(a) **N** joga V. p., **E D** p., **S** 3 c., **O** 7 p.

**S** joga R. c. e 4 c. entrando **N** com R. c.  
**N** joga A. p., R. p. e 3 c., baldando-se **S** a 3 c., 4 c. e cortando o 3 c.  
**S** joga A. c. e 6 c.  
Qualquer carta a que **O** se balde, firma o 4 c. ou 6 p. de **N**, ou as cartas de ouros de **S**, cumprindo o chelem.  
(a) Se **E** não entra com D. p.  
**N** joga V. p., **E** cede e **N** joga A. p., R. p. e 6 p. que **S** corta, tendo-se baldado antes a cartas pequenas de ouros.  
**S** joga R. c., continuando o jogo como anteriormente.

## Parentêscos

(Solução)

A Ester era bisavó da Henriqueta. A linha descendente era a seguinte:

Ester — Amélia — Emília — Henriqueta.

## Quantos bichos são?

(Passatempo)



Grande quantidade de animais bem diversos aqui estão representados. Não é difícil encontrá-los a todos, e se não há engano, devem ser uns nove.

## A água

O que custa mais caro de tudo que nos serve de alimento é a água. Quando compramos um quilo de carne de vitela ou de carneiro, na realidade adquirimos 250 gramas de carne porque 750 gramas são de água. A carne do peixe, que é muito alimentícia, contém maior proporção aquosa, quer dizer, 770 ou 780 gramas por cada quilo.

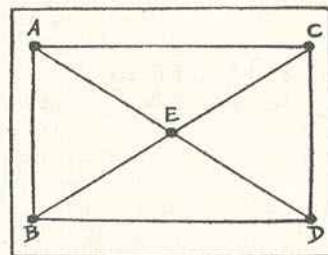
O leite apenas tem 120 gramas de matéria nutritiva por litro; o resto é água.

Enquanto aos legumes, a proporção é mais surpreendente: 10 quilos de batatas contém 8 de água; e 10 quilos de couve ou de outra hortaliça, dão 9 de água.

E' tudo água!

## O caminho mais curto

(Problema)



No presente diagrama estão marcados cinco pontos: um a cada canto dum rectangulo e outro exactamente no centro dêsse mesmo rectangulo.

Trata-se de partir do ponto A, passando por cada um dos outros uma só vez, e voltando novamente a A. Há dois caminhos, sendo um dêles A C D E A B e o outro A C D B E A.

Não esquecendo que o ponto E, fica à mesma distancia de cada um dos outros quatro pontos, o que se deseja saber é qual dêsse dois caminhos é o mais curto e a razão porquê?

Em Inglaterra, todos os personagens de Walt Disney se têm tornado em brinquêdos mecânicos. E têm adquirido uma voga enorme.

Do afamado rato Mickey, então ainda, fizeram melhor: fizeram dêle esponjas de borracha.

E é moda oferecê-las de presente a amigos e conhecidos!

Os primeiros traços históricos de mobiliário encontram-se no Egipto, quando a civilização estava em pleno apogeu quando a Europa não era ainda habitada senão por povos sem homogeneidade étnica. Os leitos egipcios ricos eram suportados por pés de leões, de chacais, de touros ou de esfinge; as cadeiras e os tamboretos ornados de garras e de pernas de animais, etc.

## Multiplicação

(Solução)

$$12345679 \times 9 = 111111111$$



— Ensino-lhe com todo o prazer e dentro de pouco tempo a nadar ao cima de água. Mas, primeiro, tenho de ensinar minha mulher a nadar debaixo de água. — (Do Tit-Bits).

# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br. ....	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	12\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELBUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CRIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 12\$00; br. ....	8\$00

### Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

## O Bêbé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benollet e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

FOR

**ISALITA**

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

**VENDAS A PRESTAÇÕES**

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS contra o pagamento da 1.ª prestação

**A LIVRARIA BERTRAND**

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

**Crediário Cultural**

Por êste sistema,—novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América,—contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte e cinco escudos**, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

**LIVRARIA BERTRAND**

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado **10\$00**

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.<sup>a</sup> parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.  
5 — 2.<sup>a</sup> parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.  
**Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.<sup>a</sup> parte — *América do Sul*. 1 vol.  
10 — 2.<sup>a</sup> parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.  
11 — 3.<sup>a</sup> parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.  
**Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.<sup>a</sup> parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.  
13 — 2.<sup>a</sup> parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.  
**A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.<sup>a</sup> parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.  
15 — 2.<sup>a</sup> parte — *O abandonado*. 1 vol.  
16 — 3.<sup>a</sup> parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.  
**Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.<sup>a</sup> parte — *O correio do Czar*. 1 vol.  
18 — 2.<sup>a</sup> parte — *A invasão*. 1 vol.  
**O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.<sup>a</sup> parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.  
20 — 2.<sup>a</sup> parte — *A ilha errante*. 1 vol.  
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.  
22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.  
**Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.<sup>a</sup> parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.  
24 — 2.<sup>a</sup> parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.  
25 — **O doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.<sup>a</sup> parte — *A viagem fatal*. 1 vol.  
27 — 2.<sup>a</sup> parte — *Na África*. 1 vol.  
28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.<sup>a</sup> parte — *A chama errante*. 1 vol.  
32 — 2.<sup>a</sup> parte — *A ressuscitada*. 1 vol.  
**A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.<sup>a</sup> parte — *O segredo terrível*. 1 vol.  
34 — 2.<sup>a</sup> parte — *A justificação*. 1 vol.  
**As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.<sup>a</sup> parte — *A descoberta da terra*. 1.<sup>o</sup> vol.  
36 — 1.<sup>a</sup> parte — *A descoberta da terra*. 2.<sup>o</sup> vol.  
37 — 2.<sup>a</sup> parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.<sup>o</sup> vol.  
38 — 2.<sup>a</sup> parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.<sup>o</sup> vol.  
39 — 3.<sup>a</sup> parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.<sup>o</sup> vol.  
40 — 3.<sup>a</sup> parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.<sup>o</sup> vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.<sup>a</sup> parte — *De Constantinopla a Scutari*.  
44 — 2.<sup>a</sup> parte — *O regresso*. 1 vol.  
45 — **A estrêla do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.  
**Matias Sandorff**:
- 47 — 1.<sup>a</sup> parte — *O pombo correio*. 1 vol.  
48 — 2.<sup>a</sup> parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.  
49 — 3.<sup>a</sup> parte — *O passado e o presente*. 1 vol.  
50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.<sup>a</sup> parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.  
54 — 2.<sup>a</sup> parte — *Justiça*. 1 vol.  
55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.<sup>a</sup> parte — *A escuna perdida*. 1 vol.  
57 — 2.<sup>a</sup> parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.<sup>a</sup> parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.  
59 — 2.<sup>a</sup> parte — *O padre Johann*. 1 vol.  
60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.  
**Cesar Cascabel**:
- 61 — 1.<sup>a</sup> parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.  
62 — 2.<sup>a</sup> parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.  
**A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.<sup>a</sup> parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.  
64 — 2.<sup>a</sup> parte — *Deus dispõe*. 1 vol.  
65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.  
66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.  
**A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.<sup>a</sup> parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.  
68 — 2.<sup>a</sup> parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.  
69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Hígino de Mendonça. 1 vol.  
**A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.<sup>a</sup> parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.  
71 — 2.<sup>a</sup> parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.  
72 — **A cartela do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.  
**O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.<sup>a</sup> parte — *O filho do coronel*. 1 vol.  
74 — 2.<sup>a</sup> parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.  
75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.  
76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.<sup>o</sup> vol.  
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.<sup>o</sup> vol.  
78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.  
79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.  
80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.  
81 — **A Agência Thompson & C.ª**, 1.<sup>a</sup> parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.  
82 — **A Agência Thompson & C.ª**, 2.<sup>a</sup> parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

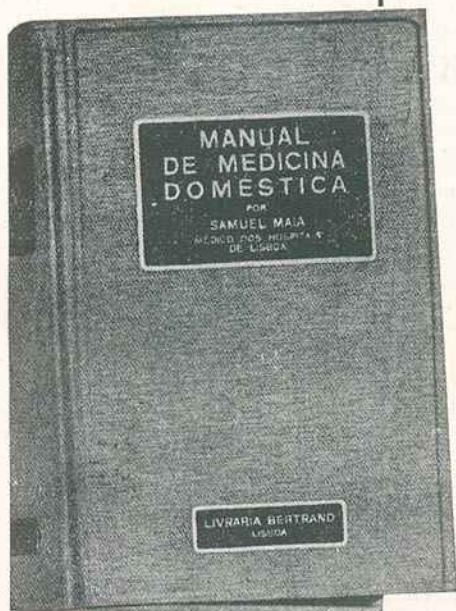
**INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.  
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa  
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio  
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por  
uma deminuta importância



# HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> × 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

**COMO É O SORTEIO?** Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação,  
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA